



David M. Schneider

Parentesco americano

Uma exposição cultural

Tradução de Fábio Ribeiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Schneider, David M.

Parentesco-americano : uma exposição cultural /
David M. Schneider ; tradução de Fábio Ribeiro. –
Petrópolis, RJ : Vozes, 2016. – (Coleção Antropologia)

Título original: American kinship : a cultural account.
Bibliografia.

ISBN 978-85-326-5222-5

1. Família – Estados Unidos 2. Parentesco – Estados Unidos
I. Título. II. Série.

16-00463

CDD-301.4210973

Índices para catálogo sistemático:

1. Parentesco : Estados Unidos : Antropologia
social 301.4210973

Jonas Luis Rodrigues Teixeira

 EDITORA
VOZES

Petrópolis

© 1968, 1980 by The University of Chicago. All rights reserved.
Licensed by The University of Chicago Press. Chicago, Illinois, USA

Título do original em inglês: *American Kinship -- A Cultural Account*.
Second Edition.

Direitos de publicação em língua portuguesa:
2016, Editora Vozes Ltda.
Rua Frei Luís, 100
25689-900 Petrópolis, RJ
www.vozes.com.br
Brasil

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Diretor editorial
Frei Antônio Moser

Editores
Aline dos Santos Carneiro
José Maria da Silva
Lídio Peretti
Marilac Loraine Oleniki

Secretário executivo
João Batista Kreuch

Editoração: Fernando Sergio Olivetti da Rocha
Diagramação: Alex M. da Silva
Capa: Felipe Souza | Aspectos
Ilustração de capa: © Les Cunliffe | Dreamstime

ISBN 978-85-326-5222-5 (Brasil)
ISBN 0-226-73930-9 (Estados Unidos)

Editado conforme o novo acordo ortográfico.

Este livro foi composto e impresso pela Editora Vozes Ltda.

Sumário

Prefácio, 7

Agradecimentos de 1980, 11

1 Introdução, 13

Parte I – As características distintivas que definem a pessoa como um parente, 31

2 Parentes, 33

3 A família, 42

Parte II – O parente como uma pessoa, 67

4 Um parente é uma pessoa, 69

5 Parentes por afinidade e termos de parentesco, 88

6 Conclusão, 119

7 Doze anos depois, 130

Referências, 149

Prefácio

O parentesco americano é um exemplo do tipo de sistema de parentesco encontrado em sociedades ocidentais modernas. Esse tipo de sistema é particularmente importante não apenas por ser encontrado em um tipo importante de sociedade, mas também porque ele é diferente dos tipos de sistemas de parentesco encontrados em outros lugares do mundo.

Os sistemas de parentesco de sociedades ocidentais modernas têm diferenciação relativamente alta em comparação com os sistemas de parentesco encontrados em muitas sociedades primitivas e camponesas. Com “diferenciação”, quero dizer apenas que o parentesco é distinguido clara e fortemente de todos os outros tipos de instituições e relações sociais. Em muitas sociedades primitivas e camponesas, um grande número de tipos diferentes de instituições são organizados e construídos como partes do próprio sistema de parentesco. Assim, as unidades sociais principais da sociedade podem ser grupos de parentesco – linhagens, talvez. Esses mesmos grupos de parentesco podem também ser as unidades que possuem propriedades, as unidades políticas, as unidades religiosas, e assim por diante. Deste modo, o que quer que um homem faça numa tal sociedade, ele o faz como um parente de um tipo ou de outro. Se ele se torna chefe, isso ocorre de acordo com alguma regra de sucessão, talvez herdando o cargo de seu pai ou de um irmão da mãe. Se ele se casa com uma garota, isso ocorre porque ela faz parte de uma categoria de parentesco como filha do irmão da mãe. Se ele precisa de ajuda com alguma atividade econômica, como horticultura ou caça, ele chama seu cunhado porque ele é a pessoa apropriada para ajudá-lo em tais empreitadas.

Mas, nos Estados Unidos, todas essas instituições são diferenciadas muito claramente umas das outras. Nos Estados Unidos, cargos políticos devem ser obtidos através de eleições livres, e não por direito de sucessão ao cargo possuído por um pai ou tio. A pessoa possui propriedades por direito próprio, e entra em relações econômicas onde escolher e de acordo com regras que supostamente são inteiramente livres das restrições do parentesco, da religião ou da política. E a pessoa frequenta a igreja que escolhe, seguindo os ditames de sua própria consciência e não os ditames de seu grupo de parentesco, partido político ou da corporação que o emprega.

O fato de o parentesco ser diferenciado tão claramente nas sociedades ocidentais modernas tem certas vantagens para o estudo de muitos problemas diferentes. Um deles, que me interessa particularmente há algum tempo, é a questão da "natureza do parentesco" no sentido de estabelecer no que consistem exatamente as características distintivas do parentesco. Parece-me que faz bastante sentido estudar o parentesco o mais próximo possível de sua "forma pura" aqui nos Estados Unidos, em vez de alguma outra sociedade onde ele está escondido sob camadas de elementos econômicos, políticos, religiosos, e outros¹.

Há outra razão pela qual o estudo do parentesco nos Estados Unidos é especialmente importante para os americanos, e ela é que, como americanos, esta é uma sociedade e uma cultura que conhecemos bem. Nós falamos a língua fluentemente, conhecemos os costumes e observamos os nativos em sua vida cotidiana. De fato, nós *somos* os nativos. Portanto, estamos numa posição especialmente boa para manter os fatos e a teoria em sua relação mais produtiva. Podemos monitorar a interação entre fato e teoria no que concerne ao parentesco americano de modos que são simplesmente impossíveis no curso normal do trabalho antropológico. Quando lemos sobre o parentesco em alguma sociedade estrangeira, temos apenas os fatos que o autor escolhe apresentar para nós, e normalmente não temos nenhuma fonte independente de conhecimento para nos ajudar a checar seus fatos. Fica então muito difícil avaliar sua teoria para ordenar esses fatos.

Em nosso caso, é claro que conseguimos obter um grau de controle sobre um grande corpo de dados que muitos trabalhadores de campo antropológico dificilmente conseguem, mesmo depois de um ou dois anos no campo. Portanto, a qualidade dos dados que controlamos é consideravelmente maior, e as bases para avaliar o encaixe entre fato e teoria é correspondentemente maior.

Realizei pela primeira vez um trabalho sistemático sobre o parentesco americano em 1951, quando, em colaboração com George C. Homans, coletei material genealógico e, particularmente, material sobre a terminologia de parentesco de alunos de pós-graduação e professores no Departamento de Relações Sociais na Universidade Harvard. Alguns dos resultados desse estudo foram publicados em 1955.

Em 1958-1959, quando o Professor Raymond Firth, da London School of Economics, era adjunto no Centro de Estudos Avançados das Ciências Comportamentais, nós propusemos um estudo comparativo do parentesco na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos para a Fundação Nacional da Ciência. Apesar

de o estudo dever ser comparativo, cada um de nós era livre para seguir as linhas e métodos que escolhêssemos. Portanto, não realizamos nenhuma tentativa de replicar precisamente o trabalho do outro, apesar de nos mantermos em contato próximo durante o decorrer do trabalho.

Este livro é o primeiro relato publicado do projeto americano. Ele não contém nenhum material comparativo, e lida apenas com o parentesco americano. Um livro que compara o parentesco americano com o britânico está sendo preparado agora².

O financiamento para o trabalho de campo e a análise do material veio principalmente da Fundação Nacional da Ciência, cujo apoio é reconhecido com gratidão aqui. Além disso, aspectos especiais da análise, a coleta de corpos especiais de material de campo e parte da redação de alguns dos materiais foram possíveis através de uma bolsa dos Institutos Nacionais da Saúde.

Devo agradecer à Dra. Constance Cronin, Sr. McGuire Gibson, Dr. Nelson Graburn, Dra. Esther Hermite, Sra. Elizabeth Kennedy, Sr. Charles Keil, Srta. Nan Markel, Sra. Eleanor McPherson, Sra. Pat Van Cleve, Srta. Harriet Whitehead e Sra. Linda Wolf, que realizaram o trabalho de campo em Chicago e o fizeram muito bem sob circunstâncias que muitas vezes não eram nada fáceis.

A Dra. Millicent Ayoub fez várias sugestões importantes durante e após o trabalho de campo. Devo agradecer ao Dr. Dell Hymes por suas cartas estimulantes. O Sr. Calvert Cottrell ajudou a supervisionar a coleta das genealogias e foi o principal responsável pela análise quantitativa desse material. O Dr. Gary Schwartz ajudou de muitos modos diferentes durante a coleta dos materiais de campo, principalmente por prestar atenção a considerações de classe e de *status*, e manter os trabalhadores de campo alertas a elas.

Tenho uma dívida especial para com Paul Friedrich, que separou tempo de seu próprio trabalho de campo para ler uma redação inicial de algumas partes deste livro. Apreendi muito com ele sobre parentesco e linguística em muitas discussões no decorrer deste trabalho. Bernard S. Cohn, Fred Eggan, Raymond Firth, Raymond Fogelson, Jane e Anthony Forge, Clifford Geertz, Eugene A. Hammel, David Olmsted, Tom Sebeok, Martin Silverman, Melford Spiro e Raymond T. Smith leram o manuscrito, parcial ou integralmente, em algum estágio de sua escrita, e eu agradeço aqui as várias sugestões úteis que eles fizeram. Além disso, todos os trabalhadores de campo que eu pude contatar analisaram o manuscrito do ponto de vista daqueles que coletaram a maior parte dos dados em que ele se baseou. Sua ajuda foi muito apreciada.

1. Cf. SCHNEIDER, D.M. "The Nature of Kinship". *Man*, 217, 1964. • "Kinship and Biology". In: COALE, A.J. et al. *Aspects of the Analysis of Family Structure*. Princeton: Princeton University Press, 1965.

2. Esse livro não chegou a ser escrito. Raymond Firth publicou o resultado de seus estudos do parentesco britânico na obra *Families and Their Relatives*, com Jane Hubert e Anthony Forge (Londres: Routledge & Kegan Paul, 1970) [N.T.].

Finalmente, agradeço particularmente ao Dr. Ralph Taylor, o diretor do Centro de Estudos Avançados das Ciências Comportamentais, e a Preston Cutler, Jane Kielsmier e o resto da equipe do Centro, onde a redação final deste livro foi realizada.

d.m.s.

Agradecimentos de 1980

Agradeço a Marshall Sahlins seus comentários úteis sobre a primeira redação do cap. 7, "Doze anos depois", escrito para esta edição, e pelo uso de sua excelente expressão da distinção entre "cultura-como-constituída" e "cultura-como-vivida" ou "cultura-em-ação" em seu artigo inédito "Experiência individual e ordem cultural"¹. Também agradeço aos comentários de Virginia Dominguez em sua carta que recebi quando me preparava para escrever este epílogo. E gostaria de agradecer a Michael Silverstein sua leitura útil. Eu também tenho uma dívida aos muitos comentadores de *Parentesco americano* que se deram ao trabalho de me dizer não apenas o que estava errado com o livro, mas também o que estava certo com ele. A quantidade é grande demais para nomeá-los individualmente.

1. Esse artigo foi publicado em 1982. SAHLINS, M. "Individual Experience and Cultural Order". In: KRUSKAL, W. (ed.). *The Social Sciences: Their Nature and Uses*. Chicago: University of Chicago Press [N.T.].

para avaliações estratégicas. Se fizermos a pergunta "Você deve ajudar sua mãe se ela estiver doente?", não há nenhuma divisão entre as respostas, nenhuma condição atenuadora; a prescrição normativa é muito clara: "Sim, de qualquer modo possível".

O problema empírico é, então, localizar as áreas diferentes em que ocorre a variância e identificar o tipo de variância. Não afirmo que esta classificação simples da variância em quatro partes é exaustiva ou definitiva – ela serve apenas para indicar que há uma diferença importante entre a variação de taxa e a variação num nível cultural, e que a pergunta de se podemos encontrar uma distinção útil entre sistemas de parentesco nos Estados Unidos, ou de se há apenas um único sistema, depende de como o problema é colocado e como ele é resolvido. Como a segunda parte do livro deixará claro, eu acredito que é possível, num nível distinto de análise cultural, discutir e descrever um único sistema de parentesco, e, em outro nível, definir e descrever tanto formas alternativas quanto variantes.

V

Tentei enunciar da forma mais clara possível, nesta Introdução, o problema que escolhi e o modo pelo qual eu escolhi trabalhá-lo. Este livro pretende ser uma exposição do sistema de parentesco americano *como um sistema cultural, como um sistema de símbolos, e não como uma "descrição" em qualquer outro nível.*

Este livro *não* deve ser entendido como uma exposição do que os americanos *dizem* quando falam sobre parentesco e família, apesar de ele se basear no que os americanos dizem. Ele *não* é sobre o que os americanos *pensam*, como um processo racional, consciente e cognitivo, sobre o parentesco e a família, apesar de ele se basear em grande parte no que os americanos dizem que pensam sobre parentesco e família. Este livro *não* deve ser construído como uma *descrição* dos papéis e relações que podemos observar os americanos realmente desempenhando em seu comportamento cotidiano em situações de vida familiar, apesar de ele se basear no que os americanos dizem que fazem e no que eles foram observados fazendo.

Este livro é sobre símbolos, os símbolos que são o parentesco americano.

Parte I

As características distintivas que definem a pessoa como um parente

I

O que os antropólogos chamam de "parentela" (*"kinsmen"*) é chamado de "parentes" (*"relatives"*), "pessoas", "povo" ou "família" pelos americanos; o pronome possessivo pode preceder esses termos. Em regiões e dialetos diferentes, várias palavras podem ser utilizadas, mas as pessoas de diferentes partes do país geralmente compreendem umas às outras e compartilham as mesmas definições fundamentais mesmo quando não utilizam os mesmos nomes para as mesmas categorias culturais. Eu utilizarei o termo americano *relative* como um equivalente bastante imperfeito do termo antropológico *kinsman*, mas esta é uma tradução realmente muito imperfeita¹.

A definição explícita que os americanos fornecem imediatamente é que um parente é uma pessoa relacionada por sangue ou por casamento. Aqueles relacionados por casamento podem ser chamados de "por afinidade" (*"in-laws"*)². Mas a palavra parente também pode ser utilizada pelos americanos num sentido mais restrito apenas para parentes de sangue, em oposição direta ao parentesco por casamento. Portanto, pode-se dizer: "Não, ela não é uma parente; minha esposa é parente apenas por afinidade". Ou também se pode dizer, com o mesmo grau de propriedade: "Sim, ela é uma parente; ela é minha esposa".

Podemos começar a descobrir o que é um parente na cultura americana tratando dos termos que são os nomes para os tipos de parentes – entre outras coisas – e que marcam o esquema para sua classificação.

Os termos do parentesco americano podem ser divididos em dois grupos. O primeiro grupo pode ser chamado de termos *básicos*, o segundo, termos *derivados*. Termos derivados são compostos por um termo básico mais um mo-

1. Em português, o termo "parente" serve para ambos os conceitos – tanto o do senso comum quanto o antropológico [N.T.].

2. É bastante importante notar esta nuance: a tradução literal do termo seria "na lei". O termo jurídico português "por afinidade" perde essa conotação com a ordem legal, que será fundamental para a argumentação posterior do autor [N.T.].

dificador³. “Primo” é um exemplo de um termo básico, “segundo grau” é um modificador particular. “Primo de segundo grau” é um exemplo de um termo derivado. “Pai” é outro exemplo de um termo básico, “por afinidade” é um modificador. “Sogro” é um exemplo de um termo derivado⁴.

Os termos básicos são “pai”, “mãe”, “irmão”, “irmã”, “filho”, “filha”, “tio”, “tia”, “sobrinho”, “sobrinha”, “primo”, “prima”, “marido” e “esposa”⁵. Os modificadores⁶ são “step-” (padrasto, enteada etc.), “in-law” (sogro, nora, cunhado etc.), “foster” (adotivo, de criação), “great” (trisavô, bisneta etc.); “grand” (avô, neta etc.), “first”, “second” etc. (de primeiro grau, de segundo grau etc.), “once”, “twice” etc., “removed”⁷; “half” (meio-irmão, meia-irmã), e “ex-” (ex-marido etc.). O modificador “removed” se aplica apenas a “primo” e “prima”. O modificador “half” se aplica apenas a “irmão” e “irmã”. O modificador “ex-” se aplica apenas a parentes por casamento. “Great” só modifica “pai”, “mãe”, “filho” e “filha” quando estes já tiverem sido modificados por “grand”. “Great” e “grand” não modificam “primo”, “prima”, “irmão”, “irmã”, “marido” ou “esposa”. Quanto ao mais, os modificadores podem ser utilizados com qualquer termo básico⁸.

3. Retirei essa distinção entre termos básicos e derivados de GOODENOUGH, W.H. “Yankee Kinship Terminology: A Problem in Componential Analysis”. In: HAMMEL, E.A. (ed.). “Formal Semantic Analysis”. *American Anthropologist*, 67 (5), 1965, parte 2, p. 259-287.

4. Aqui o leitor perceberá que há uma dificuldade incontornável na tradução da classificação do parentesco de Schneider para o português. A saber, muitos dos termos que, em inglês, são compostos e, portanto, derivados no esquema de Schneider não o são em português – “father-in-law”, literalmente, “pai por afinidade”, é traduzido por “sogro”. Utilizarei, para não provocar estranhamento, os termos portugueses apropriados no decorrer do texto, mas ofereço aqui uma tradução de todos os termos derivados de Schneider que não o são em português. Rogo ao leitor que mantenha esta lista em mente durante a leitura do texto: • Modificador in-law: “sogro” (“father-in-law”); “sogra” (“mother-in-law”); “genro” (“son-in-law”); “nora” (“daughter-in-law”); “cunhado” (“brother-in-law”); “cunhada” (“sister-in-law”). • Modificador grand-: “avô” (“grandfather”); “avó” (“grandmother”); “neto” (“grandson”), “neta” (“granddaughter”). • Modificador great: “tio-avô” (“great uncle”), “tia-avó” (“great aunt”), “sobrinho-neto” (“great nephew”), “sobrinha-neta” (“great niece”), “bisavô” (“great grandfather”); “bisavó” (“great grandmother”); “bisneto” (“great grandson”); “bisneta” (“great granddaughter”); “trisavô” (“great great grandfather”) etc. • Modificador step-: “padrasto” (“stepfather”); “madrasta” (“stepmother”); “enteado” (“stepson”); “enteada” (“stepdaughter”). Os outros modificadores são compostos tanto em inglês quanto português, e são traduzidos normalmente no texto [N.T.].

5. Em português, a tradução de “wife” normalmente é “mulher” – “husband and wife”, “marido e mulher”. Neste livro, escolhi utilizar “esposa” para reservar o termo “mulher” como tradução de “woman” – é importante manter essa distinção entre “wife” e “woman”, como veremos mais tarde, especialmente no cap. 3 [N.T.].

6. Cf. nota 4 deste capítulo [N.T.].

7. Em português, tanto os modificadores “first, second” etc.; e “once removed, twice removed” etc. tendem a ser traduzidos pelo mesmo termo: “primeiro grau”, “segundo grau” etc. Assim, tanto “second cousin” quanto “first cousin once removed” são traduzidos por “primo de segundo grau” [N.T.].

8. Comparar com GOODENOUGH, W.H. Op. cit. Para a diferença entre a posição dele e a minha, cf. nota 10 na p. 111. É preciso notar também que eu não ofereço essa lista como uma lista

Os modificadores nesse sistema formam dois conjuntos diferentes com duas funções diferentes. Um conjunto de modificadores distingue parentes verdadeiros ou de sangue daqueles que não o são. Estes são os modificadores “step-”, “in-law” e “foster”, além do modificador “half”, que especifica um irmão não completamente de sangue. Portanto, “pai” é um parente de sangue, “irmão de criação” não é. “Filha” é uma parente de sangue, “enteada” não é.

O outro conjunto de modificadores define o alcance dos termos como infinitos. Estes são os modificadores “great”, “grand”, “removed”, “first” etc., e “ex-”. Ou seja, o alcance ou extensão dos termos não tem limite.

Existem, portanto, dois tipos diferentes de modificadores. Um tipo, o *restritivo*, divide claramente parentes de sangue daqueles em posições comparáveis que não são parentes de sangue. O outro tipo de modificador, o *não restritivo*, simplesmente afirma o alcance irrestrito ou ilimitado de certos parentes.

É preciso notar mais um ponto importante sobre os modificadores. Os modificadores não restritivos marcam a distância, e o fazem de dois modos. O primeiro é por graus de distância. Assim, “primo de primeiro grau” é mais próximo que “primo de segundo grau”, “tio” é mais próximo que “tio-avô”, “tio-avô” é mais próximo que “tio-bisavô”, e assim por diante. O segundo modo de marcar a distância é através de uma base simples “dentro/fora”. Marido está dentro, ex-marido está fora. (Mas é bom notar que “primeiro”, “segundo” etc. como modificadores de “marido” e “esposa” não marcam proximidade, apenas sucessão no tempo.)

Essa estrutura afirma uma parte substancial da definição do que é e o que não é um parente. O primeiro critério, sangue ou casamento, é central. Os dois tipos de modificadores se unem em suas funções; um protege a integridade dos parentes de sangue mais próximos. O outro coloca os parentes em graus de distância calibrados se eles são parentes de sangue, mas ou “dentro” ou “fora” se eles são parentes por casamento.

definitiva ou exaustiva de termos de parentesco americanos. “Pai” (“parent”), “criança”, “irmão ou irmã” (“sibling”), “ancestral”, “descendente”, “papai”, “papi”, “papaizinho”, “pazinho”, “mamãe”, “mami”, “mamãezinha” etc., poderiam muito bem ser considerados como candidatos para tal lista, junto a termos como “velho”, “velha”, “senhora”, “chefe”, e assim por diante. Realmente não é possível pressupor que há um léxico ou vocabulário finito de termos de parentesco sem antes oferecer uma definição clara do que exatamente é um termo de parentesco e se essa definição é imposta aos dados para propósitos analíticos ou se é uma definição inerente à própria cultura. Como eu não realizo aqui nem uma análise de termos de parentesco nem de termos para parentes, guardarei essas perguntas para uma outra ocasião. Meu objetivo aqui é simplesmente utilizar alguns termos que têm significados de parentesco definidos na cultura americana como um caminho para começar a descobrir qual é a definição cultural americana de um parente.

II

Se um parente é uma pessoa relacionada "por sangue", o que isso quer dizer na cultura americana?

A relação de sangue, como definida no parentesco americano, é formulada em termos biogenéticos concretos. A concepção segue-se a um ato único de relação sexual entre um homem, como genitor, e uma mulher, como genetriz. Na concepção, metade da substância biogenética que compõe a criança é contribuída pela genetriz, a outra metade pelo genitor. Portanto, cada pessoa tem 100% desse material, mas 50% vêm de sua mãe e 50% de seu pai no momento de sua concepção, e, dessa forma, é seu "de nascença".

Apesar de a criança receber parte da composição da mãe e parte da composição do pai, nem a mãe nem o pai compartilham essa composição uma com o outro. Como uma mulher não é "feita de" material biogenético de seu marido, ela não é sua parente de sangue. Mas ela é parente de sangue de seu filho precisamente porque a mãe e o filho são ambos "feitos", parcialmente, do mesmo material. Isso também ocorre entre o pai e o filho.

Acredita-se, no parentesco americano, que tanto o pai quanto a mãe dão substancialmente os mesmos tipos e quantidades de material para o filho, e que a identidade biogenética inteira da criança, ou qualquer parte dela, vem metade da mãe, metade do pai. Não se acredita que o pai fornece o osso, e a mãe, a carne, por exemplo, ou que o pai fornece a inteligência e a mãe, a aparência.

Na concepção cultural americana, o parentesco é definido como biogenético. Essa definição diz que o parentesco é o que quer que seja a relação biogenética. Se a ciência descobre novos fatos sobre a relação biogenética, então isso é o que o parentesco é e sempre foi, mesmo que isso não fosse conhecido em épocas anteriores.

Portanto, os fatos da natureza reais, verdadeiros e verificáveis são o que a formulação cultural é. E os fatos da ciência reais, verdadeiros e objetivos (que também são, obviamente, os fatos da natureza) são que o pai e a mãe fornecem metade da constituição biogenética de seu filho⁹.

A relação que é "real" ou "verdadeira" ou "de sangue" ou "de nascença" jamais pode ser rompida, qualquer que seja sua posição legal. Direitos legais po-

9. A premissa cultural é que os fatos da natureza reais, verdadeiros e objetivos sobre as relações biogenéticas são o que o parentesco "é". Mas não se segue que todo fato da natureza estabelecido pela ciência será automática e inquestionavelmente aceito ou assimilado como parte da natureza do parentesco. As pessoas podem simplesmente negar que uma descoberta científica seja verdadeira e, portanto, não aceitá-la como uma parte do que o parentesco "é". Da mesma forma, alguns itens no inventário de algumas pessoas dos fatos da natureza reais, verdadeiros e objetivos podem ser itens cuja autoridade científica já foi demonstrada como falsa há tempos, mas que esses americanos ainda assim insistem que são verdadeiros. Mas isso não deve obscurecer meu ponto aqui, que é simplesmente que a definição cultural desse parentesco são os fatos biogenéticos da natureza.

dem ser perdidos, mas a relação de sangue não pode ser perdida. Ela é definida culturalmente como um fato objetivo da natureza, de importância fundamental e capaz de ter efeitos profundos, e sua natureza não pode ser terminada nem mudada. Segue-se que nunca é possível ter um ex-pai ou uma ex-mãe, uma ex-irmã ou um ex-irmão, um ex-filho ou uma ex-filha. Um ex-marido ou uma ex-esposa são possíveis, assim como uma ex-sogra. Mas uma ex-mãe não é.

É significativo que seja possível renegar um filho ou uma filha, ou que se possa tentar deserdar um filho (dentro dos limites estabelecidos pelas leis dos vários estados). A relação entre pai e filho, ou entre irmãos, pode ser do tipo em que os dois nunca se vejam, nunca mencionem o nome um do outro, nunca se comuniquem de qualquer forma, agindo como se não tivessem consciência da existência do outro. Mas para aqueles diretamente envolvidos, assim como para todos os outros que conhecem os fatos, os dois permanecem sendo pai e filho ou irmão e irmã. Nada pode realmente terminar ou mudar a relação biológica que existe entre eles, e portanto eles permanecem sendo parentes de sangue. É isso que faz deles pai e filho ou irmão e irmã na cultura americana.

Dois parentes de sangue são "aparentados" pelo fato de compartilharem, em um certo grau, a matéria de uma hereditariedade particular. Cada um deles tem uma porção da substância genética natural. Seu parentesco consiste nessa posse comum. Se eles precisarem provar seu parentesco, ou explicá-lo para alguém, eles podem nomear os parentes de sangue próximos e localizar o ascendente cujo sangue eles têm em comum. Diz-se que eles podem traçar seu sangue *através* de certos parentes, que eles têm "sangue Smith em suas veias". Mas seu parentesco entre si não depende de parentes próximos, apenas do fato de que cada um deles tem parte da hereditariedade que o outro tem, e ambos as obtiveram de uma única fonte.

Como o sangue é uma "coisa", e como ele é subdividido em cada passo reprodutivo de um ancestral dado, o grau preciso de compartilhamento hereditário entre duas pessoas pode ser calculado, e pode-se estabelecer a "distância" em termos quantitativos específicos.

A natureza inalterável da relação de sangue tem mais um aspecto significativo. Uma relação de sangue é uma relação de identidade. Pessoas que são relacionadas por sangue acreditam que compartilham uma identidade comum. Isso é expresso como "ser da mesma carne e osso". Isso é uma crença na constituição biológica comum, e aspectos como temperamento, porte físico, fisionomia e hábitos são notados como sinais dessa composição biológica compartilhada, essa identidade especial de parentes entre si. As pessoas dizem que os filhos se parecem com seus pais, ou que "puxam" algum dos pais ou avós; esses são sinais que confirmam a identidade biológica comum. Um dos pais, particularmente uma mãe, pode falar do filho como "uma parte de mim".

Resumindo, a definição de um parente como alguém relacionado por sangue ou casamento é inteiramente explícita na cultura americana. As pessoas falam disso exatamente nesses termos, e o fazem imediatamente quando questionadas. A concepção de uma criança ocorre durante um ato de relação sexual, onde metade da substância biogenética que forma a criança é contribuída pelo pai, seu genitor, e metade pela mãe, sua genetriz. A relação de sangue é portanto uma relação de substância, de material biogenético compartilhado. O grau de compartilhamento desse material pode ser medido e é chamado de *distância*. O fato de que a relação de sangue não pode ser terminada nem alterada, e de que ela é um estado de comunidade ou identidade quase místico também é bastante explícito na cultura americana.

III

"Parente por casamento" é definido com referência a "parente por sangue" no parentesco americano. O elemento fundamental que define um parente por sangue é, obviamente, o sangue, uma substância, uma coisa material. Sua constituição é o que quer que ele realmente seja na natureza. Ele é uma entidade natural. Ele permanece; ele não pode ser eliminado.

O casamento não é uma coisa material no mesmo sentido que a hereditariedade biogenética. Ele não é uma "coisa natural" no sentido de um objeto material encontrado na natureza. Como um estado de coisas ele é, obviamente, natural; ele tem concomitantes ou aspectos naturais, mas em si mesmo não é um objeto natural. Ele pode ser encerrado pela morte ou pelo divórcio.

Portanto, enquanto o sangue é material e natural, o casamento não é nem um nem outro. Enquanto o sangue permanece, o casamento pode ser encerrado. E como não há uma "coisa" como o sangue na qual o casamento consista, e como não há nenhum material desse tipo que exista livremente na natureza, as pessoas relacionadas por casamento não são relacionadas "por natureza".

Se parentes "por casamento" não são relacionados "por natureza", como eles são relacionados?

Vejam os parentes *step*-, por afinidade ou adotivos. O fato fundamental sobre esses parentes é que eles têm o papel de parentes próximos sem serem, como dizem os informantes, "parentes reais ou de sangue". Uma madrasta é uma mãe que não é uma mãe "real", mas a pessoa que agora é a esposa do pai. Um sogro é um pai que não é o próprio pai de Ego, mas sim o pai de seu cônjuge. E um filho adotivo não é o filho próprio ou real de Ego, mas alguém de quem ele cuida como um filho.

É possível descrever um *relacionamento* de um filho adotivo com seus pais adotivos, ou um *relacionamento* (e essa é a palavra que os próprios informantes utilizam) de um enteado com seu padrasto. Esse relacionamento, em linhas gerais, é um relacionamento pai-filho no sentido de ser um padrão para como as relações interpessoais devem proceder.

A base natural e material para o relacionamento está ausente, mas parentes desse tipo têm um relacionamento no sentido de seguirem um padrão de comportamento, um código de conduta.

A tragédia clássica de uma enteada no folclore da Europa Ocidental, Cinde-rela, por exemplo, afirma exatamente a natureza e também o problema desse relacionamento. O relacionamento de uma mulher com sua própria filha é um relacionamento onde aquela tem um amor e lealdade permanentes por esta; seu relacionamento com uma filha de um casamento anterior de seu marido é um relacionamento onde essa filha é filha de outra pessoa, não dela. O que ela faz por sua enteada é feito por causa da reivindicação que seu marido tem por ela. Portanto, se seu marido não protege a filha dele, a madrasta pode ser cruel com ela e favorecer sua própria filha. Isso é visto como trágico porque uma criança deve ter uma mãe que seja maternal para ela, e o relacionamento pai-filho é bastante distinto da ligação de sangue subjacente a ele. A madrasta cruel do folclore deveria superar a definição literal de seu relacionamento com sua enteada, e ter o tipo de *relacionamento* – afeição, preocupação, cuidado, e assim por diante – que uma mãe tem por uma filha.

Quando uma pessoa é relacionada a um parente de sangue, ela é relacionada primeiro pela hereditariedade biogenética comum, uma *substância natural*, e, segundo, por um *relacionamento*, um padrão de comportamento ou um código de conduta. O cônjuge, por um lado, e os parentes *step*-, por afinidade ou adotivos, por outro, são relacionados apenas por um *relacionamento*; não há nenhum aspecto de substância natural no relacionamento.

A característica distintiva que define a ordem dos parentes de sangue, então, é o sangue, uma substância natural; os parentes de sangue são, portanto, "relacionados por natureza". Eu sugiro que isso é uma instância especial da *ordem natural* das coisas na cultura americana. A ordem natural é o modo que as coisas são na natureza. Ela consiste em objetos encontrados livres na natureza. Ela é "os fatos da vida" como eles realmente existem.

A única característica que distingue parentes por casamento é seu relacionamento, seu padrão de comportamento, seu código de conduta. Eu sugiro que isso é uma instância especial da outra ordem geral na cultura americana, a *ordem da lei*. A ordem da lei é imposta pelo homem e consiste em regras e regulamentos, costumes e tradições. Ela é a lei em seu sentido especial, onde um pai adotivo que não cuida apropriadamente de uma criança pode ser levado ao tribunal, e é a lei em seu sentido mais geral: lei e ordem, costume, o domínio da lei, o governo da ação pela moralidade e o autocontrole da razão humana. Ela é um relacionamento no sentido de ser um código ou padrão de como a ação deve proceder.

Todos os parentes *step*-, por afinidade e adotivos, estão sob a ordem da lei. É nesse sentido que uma sogra não é uma mãe "real" ou "verdadeira" – quer dizer,

não uma genetriz – mas é uma mãe no relacionamento de mãe-filho com o cônjuge de seu filho. É nesse sentido que uma madrasta não é uma mãe “real”, não a genetriz, mas é uma mãe num relacionamento de mãe-filho com o filho de seu marido. O ponto crucial da história de Cinderela é precisamente que, enquanto a “mãe real” está relacionada com sua filha tanto pela lei quanto pela natureza, a madrasta não tem a base “natural” desse relacionamento e, por não ter essa substância natural, ela não “sente” amor nenhum, exceto por sua filha “real” e, portanto, é capaz de explorar cruelmente a criança relacionada a ela apenas pela lei.

Se existe um relacionamento na lei sem um relacionamento na natureza, como no caso dos parentes *step*-, por afinidade e adotivos, pode existir um relacionamento na natureza sem um relacionamento na lei? Pode e existe. O que é chamado de “filho biológico” é um exemplo. Ele é uma criança nascida fora do casamento, quer dizer, uma criança cujo pai e mãe não são casados. Ele é um “filho biológico” porque em seu caso seu relacionamento com seus pais deve-se apenas à natureza, e não também pela lei; ele é um filho “ilegítimo”. Da mesma forma, a “mãe biológica” de uma criança adotada na infância, legítima ou não, é uma parente apenas pela natureza e não pela lei, assim como seu genitor. Apesar de a criança ser adotada e ter todo direito e todo dever da criança de sangue, na crença americana ela ainda está relacionada na natureza a seu pai e mãe “verdadeiros”, seu genitor e genetriz, ainda que não pela lei.

IV

Resumindo, o universo cultural dos parentes no parentesco americano é construído a partir de elementos de duas grandes ordens culturais: a *ordem da natureza* e a *ordem da lei*. Os parentes *por natureza* compartilham hereditariedade. Os parentes *por lei* são ligados apenas pela lei ou por costumes, pelo código de conduta, pelo padrão de comportamento. Eles são parentes em virtude de seu *relacionamento*, não por seus atributos biogênicos.

Três classes de parentes são construídas a partir desses dois elementos. Primeiro, há a classe especial de parentes apenas por natureza. Essa classe contém o filho biológico ou ilegítimo, o genitor ou genetriz que não é o pai ou mãe adotivo, e assim por diante. A segunda classe consiste em parentes apenas por lei. Essa classe pode ser chamada de “por casamento”, ou pode ser chamada de “por afinidade”. Ela contém o marido e a esposa, os parentes *step*-, por afinidade, adotivos, e outros desses tipos. A terceira classe consiste em parentes por natureza e por lei. Essa classe de parentes é chamada de “parentes de sangue” e contém os conjuntos “pai... filha”, “tio... neta”, “primo”, e assim por diante.

A segunda e a terceira classes de parentes podem ser divididas em subclasses. A segunda classe, parentes apenas por lei, consiste na subclasse de marido e esposa, e o resto, uma subclasse que contém os parentes *step*-, por afinidade e adotivos, e aqueles para os quais não existem lexemas especiais. Marido e esposa recebem

termos de parentesco básicos; os outros recebem termos derivados. Marido e esposa são os únicos parentes por lei no mesmo nível dos parentes de sangue mais próximos (o conjunto “pai... filha”). Pai e mãe também são apropriadamente marido e esposa. Finalmente, marido e esposa são os únicos parentes verdadeiramente “por casamento” num sentido de casamento, a saber, o relacionamento sexual entre um homem e uma mulher.

A terceira classe também consiste em duas subclasses. A primeira consiste no conjunto de parentes “pai... filha”, a segunda nos parentes que recebem os termos “tio... neta” e “primo/prima”. As funções modificadoras simbolizam a diferença entre essas subclasses: a primeira subclasse é marcada pelos modificadores restritivos, a segunda pelos não restritivos. Ou seja, a subclasse “pai... filha” é claramente restrita e distinguida de outros tipos ou graus de “pai”, “mãe” etc., enquanto os conjuntos “tio... neta” e “primo/prima” são expansíveis infinitamente, mas cada expansão adiciona um grau de distância. A Tabela I representa este resumo.

Tabela I

Parentes	Natureza	Lei
(1) Por natureza (A) Filho biológico, filho ilegítimo, mãe biológica, pai biológico etc.	+	-
(2) Por lei (A) Marido, esposa. (B) <i>Step</i> -, por afinidade, adotivo etc. ¹⁰	-	+
(3) Por sangue (A) Pai, mãe, irmão, irmã, filho, filha. (B) Tio, tia, sobrinho, sobrinha, avô, avó, neto, neta, primo, prima, primo de primeiro grau etc., bisavô etc., bisneto etc.	+	+

Escrevi esse resumo em termos das diferentes classes ou categorias de parentes no parentesco americano. Mas essas categorias são construídas a partir de dois elementos, o *relacionamento como substância natural* e o *relacionamento como código de conduta*. Ambos esses elementos derivam – ou são uma instância especial – das duas ordens principais que a cultura americana coloca como constituintes do mundo: a *ordem da natureza* e a *ordem da lei*.

10. Esta categoria inclui parentes para os quais não existem termos de parentesco no sentido costumeiro, mas que ainda assim podem ser apropriadamente contados ou considerados como parentes por casamento ou por afinidade. Essa categoria de parentes, portanto, contém parentes sem termos de parentesco. Como ficará claro no cap. 5 abaixo, o cônjuge do primo, o cônjuge do sobrinho ou sobrinha do cônjuge de Ego, e outros tipos podem aparecer nessa categoria do parentesco americano. Isso se deve às aplicações diferentes de normas alternativas dentro do esquema estabelecido por essas categorias, e pode (ou não) também implicar o uso de termos de parentesco alternativos. Esses argumentos serão desenvolvidos no cap. 5.

3

A família

I

"Família" pode significar todos os parentes de uma pessoa, mas "minha família" ou "a família" significa uma unidade que contém um marido e uma esposa, e seu filho/filha ou filhos, todos os quais são tipos de parentes. "A família imediata" é um outro modo de restringir o alcance de "família" de todos os parentes para certos parentes muito próximos.

A família e os parentes são, portanto, categorias coordenadas no parentesco americano porque compartilham um de seus significados, ainda que alguns de seus outros significados sejam divergentes. Todo membro da família é ao mesmo tempo um parente, e todo parente é, neste sentido, um membro da família. Portanto, a definição cultural de um parente se aplica aos membros da família por serem parentes.

Mas a palavra "família" é singular, e não plural. Em sua forma singular, ela inclui pelo menos três tipos diferentes de membros da família. A palavra "parente", na forma singular, pode significar apenas uma pessoa ou um tipo de parente. O termo "família", portanto, reúne certos tipos diferentes de parentes numa única unidade cultural; esse significado é bastante diferente da pluralidade simples de parentes sem levar em consideração o seu tipo ou o seu relacionamento uns com os outros.

Esse último ponto é fundamental. Não apenas temos três tipos diferentes de parentes reunidos em uma única unidade cultural, mas esses três estão num relacionamento muito especial uns com os outros, pois eles são marido, esposa e filho/filha, ou pai, mãe e filho/filha uns dos outros.

Como os membros da família são tipos de parentes, pode-se perguntar se as características distintivas que definem e diferenciam os parentes não são as mesmas que definem e diferenciam os membros da família por um lado, e a família como uma unidade cultural por outro.

E esse realmente acaba sendo o caso. A relação sexual (o ato de procriação) é o símbolo que fornece as características distintivas em termos das quais tanto os

membros da família como parentes quanto a família como uma unidade cultural são definidos e diferenciados.

Preciso interromper este relato para explicitar alguns pontos e alertar o leitor de certos problemas que ele poderá encontrar ao ler esta exposição.

Primeiro, eu introduzo neste momento a hipótese que a relação sexual é o símbolo em cujos termos os membros da família como parentes e a família como uma unidade cultural são definidos e diferenciados no parentesco americano.

Já indiquei¹ que, com "símbolo", quero dizer algo que representa alguma outra coisa com a qual ele não está intrínseca ou necessariamente relacionado. A relação entre símbolo e objeto simbolizado é, ao contrário, arbitrária.

Se, então, há uma relação *intrínseca* ou *necessária* entre a relação sexual, ou qualquer aspecto dela, e algum aspecto cultural do parentesco americano, então a relação sexual não pode ser considerada simbólica desse aspecto particular do sistema de parentesco.

Esse é um problema importante para este livro, mas é melhor tratá-lo depois que todo o material tiver sido apresentado, e não antes. Portanto, eu o discutirei no capítulo final, mas preciso pedir ao leitor que suspenda seu juízo aqui com a promessa de que a hora do juízo chegará.

Também é importante notar que isso é apresentado como uma hipótese sobre o parentesco americano. Se ela é um fato ou não poderá ser estabelecido por pesquisas posteriores.

O segundo ponto que peço ao leitor para manter em mente é que, ao apresentar e desenvolver essa hipótese, eu tomei cuidado para que cada um de meus enunciados fosse etnograficamente verdadeiro.

O terceiro ponto é que eu descrevo a cultura do parentesco americano exatamente como já descrevi a cultura do parentesco de Yap² e que esse é exatamente o modo que eu utilizaria para descrever o sistema de parentesco de qualquer sociedade em qualquer lugar. O leitor americano pode considerar isso particularmente desconcertante, pois, às vezes, eu trato o que ele pode considerar um fato autoevidente da vida como um princípio de sua cultura.

Veamos uma sociedade puramente fictícia, Bongo Bongo. Se eu escrevesse sobre eles: "Os bongo bongo acreditam que um ato de relação sexual é impellido por forças interiores cuja natureza não pode ser controlada nem compreendida, forças que compelem à obediência e não podem ser enfrentadas", o leitor americano, fortalecido por seu belo senso de tolerância dos modos e crenças de outros

1. Cf. Introdução.

2. Cf., p. ex., SCHNEIDER, D.M. "Double Descent on Yap". *Journal of the Polynesian Society*, 71 (1962).

povos, poderia considerar isso um fato interessante e especular sobre suas implicações para o resto do sistema de parentesco de Bongo Bongo.

Mas quando eu escrevo (como fiz abaixo): “A relação sexual é um ato que é realizado, e que não simplesmente acontece”, mesmo o leitor americano mais razoável pode se perguntar se eu estou fazendo uma piada ou falando sério, ou tentando transformar um fato da vida simples e autoevidente em algum grave princípio antropológico.

Se esse é ou não um fato da vida em algum nível – se os seres humanos podem controlar seus impulsos sexuais como os americanos dizem que podem, mas os bongo bongo dizem que não – não é uma pergunta relevante para este livro neste ponto da descrição. A pergunta de relevância central é se essa *crença* ou essa *premissa cultural* sobre a natureza da vida é um fato que pode ser observado para os americanos. Ou seja, a pergunta que o leitor deve fazer é se isso é ou não um fato etnográfico sobre a cultura americana.

O que faço neste livro e neste capítulo é enunciar o que descobri serem fatos etnográficos. Relato esses fatos da forma mais precisa possível e os enuncio nos momentos em que eles são relevantes para uma compreensão do parentesco americano. Se o leitor se lembrar que todos os enunciados que lerá nas páginas seguintes são oferecidos como fatos etnográficos, ou hipóteses sobre eles, então não deverá haver mal-entendidos.

Finalmente, o conceito de “características distintivas” é um dos conceitos fundamentais deste livro. Eu o utilizei tanto no título desta parte do livro (“As características distintivas que definem a pessoa como um parente”) quanto como um dispositivo analítico predominante neste capítulo. Retirei esse conceito diretamente da linguística, e, apesar de tentar utilizá-lo aqui de modo tão preciso quanto é utilizado lá, isso nem sempre foi fácil. Jakobson e Halle dizem: “Cada característica distintiva envolve uma escolha entre dois termos de uma oposição que exibe uma propriedade diferencial específica, divergindo das propriedades de todas as outras oposições”³. Mas o leitor pode preferir seguir minha discussão em vez de tentar compreender essa definição altamente condensada. Ou ele deve ler Jakobson e Halle para uma discussão completa e clara num contexto linguístico.

Retomarei agora o relato etnográfico da unidade cultural “a família” no parentesco americano. Primeiro, mostrarei que a família é definida pela cultura americana como uma unidade “natural” que é “baseada nos fatos da natureza”. Então ordenarei certos fatos etnográficos que levam à hipótese que acabei de enunciar, a saber, que o fato da natureza que serve como o símbolo em termos do qual os membros da família são definidos e diferenciados e em termos do qual o modo de conduta apropriado de cada membro da família é definido é o da relação sexual.

3. JAKOBSON, R. & HALLE, M. *Fundamentals of Language*. Den Haag: Mouton, 1965, p. 4.

II

“A família” é uma unidade cultural que contém um marido e uma esposa que são a mãe e o pai de seu filho/filha ou filhos.

Pode-se dizer “Eu não tenho família” com o significado de que talvez a pessoa não seja casada, e não tem cônjuge nem filhos, ou que seus pais não estão mais vivos. Ou pode-se apontar para certas pessoas e dizer sobre elas: “Esta é minha família”, ou “Eu gostaria que você conhecesse minha família”. Também se pode dizer “Eu não tenho família” com o significado de que a pessoa está separada de seu cônjuge e, portanto, não vive com um cônjuge e filhos.

Um casal sem filhos não chega a compor uma família. O mesmo ocorre com uma mulher casada e seus filhos sem um marido ou com um homem casado e seus filhos sem uma esposa. Sobre o casal sem filhos, pode-se dizer “Eles não têm família” ou “A família deles ainda não chegou”, se eles forem muito jovens. “Família” significa aqui que a adição de crianças ao casal completará a unidade e criará esse estado. E, é claro, pode-se dizer sobre um casal mais velho: “A família deles já cresceu e casou; todos têm suas próprias famílias agora”.

Esse último exemplo esclarece outra condição que faz parte da definição da família no parentesco americano. A família, para ser uma família, precisa viver junto. Então, para pais cujos filhos já cresceram e casaram, o dito é que esses filhos “têm suas próprias famílias”, implicando que a família de uma pessoa é onde ela mora, e que não é possível ser membro de duas famílias (nesse sentido) ao mesmo tempo. Uma família onde as crianças cresceram e todas têm suas próprias famílias é uma família que se desfez e se dispersou; seus membros seguiram seus caminhos independentes, que, obviamente, é o que devem fazer. Mas isso ainda é uma família no primeiro sentido do termo que significa pais e filhos, sem importar o quanto eles cresceram ou onde eles possam estar morando. É o segundo sentido que me interessa agora, que é aquele onde a família é uma unidade que vive junto; se isso não ocorre, ela não é uma família nesse significado particular do termo.

Eu disse que uma mulher e seus filhos, ou um homem e seus filhos, não chegam a constituir uma família. A família está incompleta, pois falta um membro. Isso pode ocorrer porque o membro que falta está morto, separado ou divorciado. Os membros remanescentes não constituem uma família completa. Mas é bom notar que não importa se falta um cônjuge devido à morte, separação ou divórcio, ou se faltam os filhos porque cresceram e “têm suas próprias famílias”. Em ambos os casos, a família está “desfeita” porque eles não vivem juntos.

Se um homem deixa sua esposa, às vezes se diz: “Ele a largou e a deixou sozinha com as crianças”. Ou uma mulher pode desertar seu marido, “deixando-o sozinho com as crianças”. Se os filhos crescem e casam, também se diz que “eles agora estão sozinhos depois que as crianças cresceram e foram embora”. Em to-

dos os casos, estar "sozinho" significa que a unidade completa não está vivendo junto, e é a noção de viver junto que é decisiva para este significado da família.

Quando um casal tem um filho e então se divorcia, e ambos os membros se casam novamente e estabelecem novas famílias, a guarda da criança pode ser dividida entre eles. Talvez o filho passe metade do tempo com o pai e a outra metade com a mãe. Numa situação dessas, a criança pode ter duas famílias, uma composta de sua mãe e padrasto, a outra de seu pai e madrasta. Ele vive junto com elas se morar com cada uma por parte do tempo, ou mesmo se na realidade ele passar a maior parte do tempo na escola. As pessoas podem dizer que a criança na verdade não tem nenhuma família, pois se considera que um arranjo de duas metades é muito menos do que um arranjo completo. Não importa se ela vive com sua mãe e padrasto metade do tempo, ou se mora num colégio interno pela maior parte do tempo, a questão que realmente importa é a guarda e a responsabilidade. Mas, talvez, num sentido técnico, o filho de pais divorciados tenha duas famílias e não apenas uma, se cada pai estabeleceu uma nova família que vive junto, e a guarda é compartilhada.

O estado do bem-estar de uma família também é descrito em termos de viverem juntos. Se o marido e a esposa estão passando por dificuldades conjugais, a questão crítica pode ser se eles ainda estão morando juntos ou não. Se estiverem, a perspectiva pode ser considerada menos grave do que se não estivessem mais morando juntos. Viver juntos também pode ser usado como um eufemismo para a relação sexual, pois implica uma intimidade entre um homem e uma mulher que torna impossível qualquer outra interpretação.

Os informantes descrevem a família como consistindo em marido, esposa e seus filhos que vivem juntos como uma unidade natural. A família é formada de acordo com as leis da natureza e vive seguindo regras que são consideradas pelos americanos como evidentemente naturais.

Por isso, os americanos não chegam a se surpreender quando ouvem que esse mesmo tipo de arranjo é encontrado entre alguns animais e pássaros e até mesmo peixes. Parece bastante natural que um par viva junto, procrie, tenha um lugar para morar com seus descendentes, proteja esse lugar e seus descendentes, e compartilhe as tarefas de cuidar do lugar e criar os descendentes.

Na visão americana, é simplesmente natural que as várias tarefas de proteger o lar, obter as necessidades da vida, cuidar dos jovens instruí-los, e assim por diante, sejam divididas de acordo com os talentos, aptidões e dotes naturais daqueles envolvidos. Algumas dessas tarefas cabem naturalmente aos homens, algumas às mulheres, e alguns modos são naturais para as crianças por causa de sua idade.

As mulheres geram os filhos, zelam por eles e cuidam deles. Isso, de acordo com a definição da cultura americana, faz parte da natureza da mulher. Elas podem fazer essas coisas por causa de seus dotes naturais, mas também há muito

que elas precisam aprender. Elas podem aprender essas coisas com suas mães, com médicos, livros ou de outros modos, mas essas fontes explicam as coisas que devem ser feitas e como melhor fazê-las naturalmente.

Os homens não geram filhos, nem podem nutri-los com seus próprios corpos. A premissa cultural é que eles não são naturalmente dotados de modos de sentir as necessidades dos bebês. Mas há muitas coisas que um homem pode fazer se ele se der ao trabalho de aprender. Nos Estados Unidos, às vezes se diz que aquilo que uma mulher pode fazer naturalmente, um homem pode aprender – ainda que lentamente e nem sempre com a habilidade gentil que uma mulher teria.

A premissa cultural americana é que o recém-nascido é totalmente indefeso e que precisa de muito cuidado e proteção para sobreviver. Com a exceção de alguns instintos e reflexos que o fazem respirar, sugar, chorar, aprender, e assim por diante, é preciso fazer coisas para a criança e na criança. Os adultos, os pais da criança, são velhos o bastante e sabem o suficiente sobre o que fazer. Essa é a base da autoridade dos pais sobre o filho, e do fato de que a relação entre filho e pai não é igual. É uma relação onde o adulto tem autoridade baseada em conhecimento e experiência – numa palavra, idade – e onde a autoridade do adulto é apoiada, se necessário, pela força, que também se baseia em diferenças físicas evidentes entre pai e filho.

Então, num de seus sentidos fundamentais, a natureza sozinha constitui a família, e os papéis naturais de marido, esposa, pai, mãe e filho/filha definem os membros da família. Esse é o sentido no qual os americanos enxergam uma família quando animais procriam e criam seus filhotes num lugar que eles ocupam e protegem – seu ninho, sua caverna, seu lar. É nesse sentido que as características distintivas ou os elementos definidores da família colocam o par procriador que cria seus filhos num lugar próprio.

Mas, depois desse ponto, há uma mudança notável nos enunciados dos informantes. Num nível de contraste são enfatizados a família como uma unidade natural e os papéis naturais dos membros da família. No nível imediatamente seguinte, há algo mais nos papéis de marido, esposa, pai, mãe e filho/filha do que meramente as partes exigidas por seus dotes naturais e as diferenças naturais entre eles. Esse "algo mais" é definido como *adições* aos dotes naturais, *acréscimos* às diferenças naturais, como *implementação* das tendências inatas.

Os informantes muitas vezes colocam isso como sendo "baseado em". Por exemplo, os informantes dizem que a autoridade do pai está "baseada no" fato de que ele é um homem, que ele é mais velho, que tem mais experiência, que devido a seu tamanho e sexo ele tem o direito de estabelecer o curso de ação apropriado para os membros de sua família e esperar que ele seja seguido.

"Baseado em" significa que algo é adicionado aos fatos naturais da idade e do sexo. "Mais velho" significa que, à idade cronológica, é adicionado o grau de sa-

bedoria que a experiência supostamente traz. "Ser um homem" significa que, em adição à questão específica de ter certos órgãos genitais, há a posse de qualidades que supostamente faltam às mulheres. Falar do "homem da casa" ou do "homem da família" ou "daquele que veste as calças" é falar de alguém que é naturalmente mais capaz de assumir a autoridade e responsabilidade pela família, não apenas de alguém com genitais masculinos e um número estipulado de anos sobre a Terra.

Esse incremento, aquilo que "se baseia nos" elementos naturais, seria o resultado da adição da razão humana ao estado natural das coisas.

A razão humana faz duas coisas. Primeiro, apesar de ela ter uma base natural, ela cria algo adicional, algo a mais do que a natureza produz sozinha.

Segundo, a razão humana seleciona apenas parte da natureza para a basear. Isso ocorre porque a própria natureza é composta de duas partes distintas. Uma é boa, a outra má; uma é humana, a outra, animal. A razão humana seleciona a parte boa da natureza como base; ela pode estabelecer objetivos e selecionar caminhos, julgar o certo e o errado e diferenciar o bom do ruim.

A família, no parentesco americano, é definida como uma unidade natural baseada nos fatos da natureza. Na cultura americana, isso significa que apenas alguns dos fatos da natureza são selecionados, que eles são alterados, e que se constrói sobre eles, ou se adiciona algo a eles. Essa seleção, alteração e adição ocorrem através da aplicação da razão humana ao estado de natureza.

O construto natural da família no parentesco americano é, portanto, derivado das duas ordens do mundo: a ordem da natureza, por um lado, e a ordem da lei, o domínio da razão, o humano em distinção ao animal, por outro.

O que é humano é, obviamente, uma parte da natureza, mas é uma parte muito especial. O papel que é tão natural a ponto de não ter nada relacionado à razão, nada relacionado a valores humanos, nada da cultura, só é natural no sentido de estar muito próximo ao animal. Por isso, um homem (ou uma mulher) que esteja interessado apenas em copular não pode ser considerado um bom marido ou esposa. Mas, no mesmo registro, diz-se que o papel que é tão distante da natureza, de presença tão alta da razão, e tão culto a ponto de não ter nenhum elemento natural seria não natural. E, por esta medida, um homem (ou uma mulher) completamente desinteressado em copular não pode ser considerado um bom marido ou esposa.

A família, enquanto um construto da cultura americana, resolve assim a oposição radical entre natureza e razão humana, juntando-os num arranjo humano que pode funcionar bem.

III

Como já sugeri, o fato da natureza no qual o construto cultural da família se baseia é a relação sexual. Essa figura fornece todos os símbolos centrais do parentesco americano.

Será conveniente para esta discussão começar com a definição de um parente, pois cada membro da família é um parente e já apresentei grande parte desse material etnográfico.

Um parente é uma pessoa relacionada por sangue ou por casamento. Os parentes por sangue são ligados por substância *material*; marido e esposa são ligados por *lei*. Parentes por sangue são relacionados de modo inteiramente *objetivo*; marido e esposa são ligados *subjetivamente*. O sangue é um laço *permanente*; o casamento pode ser *terminado*. Todos os enunciados que abrem as oposições derivam da ordem da natureza, aqueles que as fecham derivam da ordem da lei.

Uma relação de sangue é involuntária de dois modos distintamente diferentes. O primeiro é que uma relação de sangue não é uma questão de vontade humana. Ela faz parte da ordem natural e, portanto, segue as leis da natureza e não as leis do homem. O casamento, por outro lado, é definido e criado pelas leis do homem, que são invenções humanas e, portanto, nesse sentido especial, é uma questão de vontade.

Num segundo sentido, as relações de sangue são involuntárias porque uma pessoa não pode escolher quem serão seus parentes de sangue. Ela nasce com eles, e eles se tornam seus por nascimento. Como eles são permanentes, não há nada que ela possa fazer a respeito. Mas o casamento é não apenas uma instituição inventada pelo homem; ele é um passo ativo que uma pessoa em particular deve dar. Ele é um passo que é *dado* e não simplesmente acontece.

O sangue é uma questão de nascimento; o nascimento, uma questão de procriação; e a procriação, uma questão de relação sexual. A relação sexual é um ato que é realizado e não simplesmente acontece. Mas, enquanto um ato, ela é natural. Seu resultado é a concepção, que é seguida pelo nascimento, e esses também são naturais.

A relação sexual como um ato de procriação cria a relação de sangue entre pais e filhos e torna o marido e a esposa genitor e genetriz. Mas ela é um ato exclusivo e distintivo do relacionamento marido-esposa: a relação sexual só é legítima e apropriada entre marido e esposa, e cada um tem o direito exclusivo sobre a atividade sexual do outro⁴. Esses são os preceitos da cultura americana.

A relação sexual é um ato no qual e pelo qual expressa-se o amor; ela é muitas vezes chamada de "fazer amor", e o amor é um símbolo cultural explícito no parentesco americano.

4. A relação sexual entre pessoas que não são casadas é chamada de fornicação e não é apropriada; entre pessoas que são casadas, mas não entre si, é chamada de adultério e é errada; entre parentes de sangue, é chamada de incesto e é proibida; entre pessoas do mesmo sexo, é chamada de homossexualidade e é errada; com animais, é chamada de sodomia e é proibida; solitária, é chamada de masturbação e é errada; e com partes do corpo que não sejam a própria genitália, é errada. Todos esses casos são definidos como "atos sexuais não naturais" e são errados moralmente, e, em alguns casos, legalmente, na cultura americana.

Isso foi expresso por uma de nossas informantes – uma senhora idosa – como se segue: pedimos para ela listar todos os seus parentes, e, depois de ela os listar por um certo tempo, desacelerou e parou. Perguntou-se então a ela: “Eu percebi que a senhora não mencionou o seu marido. A senhora o considera um parente?” A isso, ela deu a seguinte resposta ponderada: “Meu marido? Um amante, sim! Um parente, não!”

Existem dois tipos de amor no parentesco americano que, apesar de não serem nomeados explicitamente, são definidos e distinguidos claramente. Um eu chamarei de amor *conjugal*. Ele é erótico, e tem o ato sexual como sua encarnação concreta. Esse é o relacionamento entre marido e esposa. Chamarei o outro tipo de amor de *cognático*. A relação de sangue, a identidade da substância e hereditariedade naturais que vale entre pais e filho/filha é sua expressão simbólica.

O amor cognático não tem nada de erótico. Na verdade, acredita-se que bebês e crianças não têm sentimentos sexuais ou eróticos, e que esses sentimentos só amadurecem tarde nos seres humanos, durante o período da adolescência. Portanto, o relacionamento de um bebê com o seio de sua mãe é completamente não erótico. Qualquer gratificação que uma mãe possa sentir amamentando seu filho é definida como de caráter puramente cognático. Por isso, um bebê ou uma criança pode ser abraçado e beijado e acariciado de modos que poderiam ser eróticos se o objeto fosse algo que não um bebê. Uma criança é inocente de conhecimento carnal não só porque ela seria fisicamente incapaz de sentir amor erótico, mas também porque ela não sabe o significado do amor erótico. A frequência com a qual uma criança pode ser designada apropriadamente como “*it*”, sem referência a seu sexo, é uma faceta disso⁵. Como a essência do amor erótico é o contato genital, e como acredita-se que a criança é jovem demais para ter ou sentir impulsos ou sensações eróticas, seus genitais são definidos como órgãos excretórios.

O beijo é uma expressão de amor. O beijo direto nos lábios é erótico, e pode ser um eufemismo para a relação sexual em certos contextos. Mas o beijo na testa ou na bochecha é uma afirmação cognática. Enquanto amantes, ou marido e esposa, podem se beijar nos lábios, pais e filhos se beijam na testa ou na bochecha. É raro que o beijo cerimonial de um parente visitante numa criança seja confundido com um ato erótico. Ele afirma o amor cognático, e se uma criança rejeita tal beijo, essa não é uma questão trivial.

O amor conjugal entre marido e esposa é o oposto do amor cognático de pai, filho e irmão. Um é a união de opostos, o outro é a unidade que as identidades têm, o compartilhamento de substância biogenética. A identidade da mãe com seu filho é reiterada ainda mais pelo fato de que a criança nasce do corpo da mãe, é

abrigada e alimentada lá antes de nascer, além de ser alimentada por ele depois de nascer. Isso reafirma continuamente que os dois são de uma substância comum.

É o símbolo do amor que liga o amor conjugal e o cognático, e relaciona ambos ao símbolo da relação sexual. O amor, no sentido da relação sexual, é um ato natural com consequências naturais de acordo com sua definição cultural. E o amor no sentido de relação sexual representa, ao mesmo tempo, a unidade.

Como um símbolo de unidade, de unicidade, o amor é a união da carne, de opostos, macho e fêmea, homem e mulher. A unidade de opostos é afirmada não apenas na união carnal, mas também no resultado dessa união, a unidade do sangue, o filho. Pois o filho junta e unifica na mesma pessoa as substâncias biogenéticas diferentes de ambos os pais. O filho afirma, então, a unicidade ou unidade de sangue com cada um de seus pais; essa é uma afirmação substantiva da unidade da criança com cada um de seus pais e com seus irmãos vindos desses pais. Ao mesmo tempo, essa unidade ou identidade de carne e sangue, essa unicidade de material, representa a unidade do amor cognático.

Tanto o amor quanto a relação sexual tratam de dois elementos distintos. Um é a unificação de opostos. O outro é a separação de unidades.

Macho e fêmea, os opostos, são unidos na relação sexual como marido e esposa. Suas substâncias biogenéticas diferentes são unidas no filho concebido dessa união, e seu relacionamento um com a outra é reafirmado não apenas como marido e esposa um da outra, mas como pais de seu filho, pai e mãe do mesmo descendente.

Mas o que era um deve se tornar dois. O filho nasce de seus pais e é separado fisicamente deles através do parto. É isso que diferencia pai de criança, pai e mãe de filho e filha. A separação que começa com o ato do nascimento continua até a criança crescer e deixar sua família para se casar e fundar sua própria família.

O incesto, que é o pior dos males, consiste em unificar o que já é único através do dispositivo de união dos opostos, e em não separar o que era um em dois, invertendo diretamente então de uma só vez ambos os lados da fórmula – que apenas coisas diferentes podem ser unificadas pela relação sexual, e apenas coisas unidas podem ser diferenciadas.

O símbolo do amor é a ponte entre esses dois elementos diferentes. É o amor que une os opostos de macho e fêmea, e é o amor que preserva a unidade dos pais e filhos diferenciados e que continuam a se diferenciar, assim como o filho e seus irmãos. Um é o amor conjugal, marcado por um componente erótico; o outro é o amor cognático, sem nenhum aspecto erótico; mas ambos são amor, que é unificador. E o parentesco americano realmente é sobre o amor.

Perguntou-se a uma de nossas informantes, uma menina de 12 anos: “Qual é a sua definição de um parente?” Ela respondeu: “Alguém que você geralmente ama, que é bom para você, e que está ligado a você de algum modo por sangue,

5. Em português não existe um pronome de gênero neutro como “*it*”, apenas “ele” e “ela” (“*he*” e “*she*”, em inglês) [N.T.].

como uma filha ou algo assim". Realmente não há nada mais que possa ser adicionado a seu enunciado. Ele resume a questão perfeitamente.

Todos os símbolos significativos do parentesco americano estão contidos na figura da relação sexual que, obviamente, é ela própria um símbolo. A figura é formulada na cultura americana como uma entidade biológica e um ato natural. Ainda assim, o tempo todo, cada elemento que é definido culturalmente como natural é ao mesmo tempo aumentado e elaborado, acrescido e nutrido pela regra da razão humana, incorporada na lei e na moralidade.

IV

E aqueles outros fatos da natureza que parecem ter um lugar muito importante na definição da família e na diferenciação de seus membros, fatos como as diferenças entre os sexos? Será que isso não é um fato da natureza no qual a família se baseia?

A resposta para essa pergunta muito geral é tanto *sim* quanto *não*. Na cultura americana, distinguem-se dois domínios diferentes do sexo. Um é o dos atributos sexuais, e o outro é o da relação sexual. A relação sexual é o símbolo que fornece as características distintivas ou os elementos em cujos termos a família é definida. Os atributos sexuais, por outro lado, constituem fatos da natureza de grande importância para a família, mas num nível cultural completamente diferente do nível das características distintivas.

Na cultura americana, a definição do que faz da pessoa macho ou fêmea é o tipo de órgãos sexuais que ela tem. Ainda que uma criança não seja um homem ou uma mulher até estar sexualmente madura, sua identidade como um macho ou uma fêmea é estabelecida por seus genitais ao nascer.

Além disso, há certas características que são indicativas da identidade sexual. Homens têm pelos faciais e supostamente têm pelos no peito, mas as mulheres não. Afirma-se que diferenças temperamentais estão correlacionadas com as diferenças nos órgãos sexuais. Dizem que homens têm uma qualidade ativa, e as mulheres, passiva. Os homens têm força e resistência física maiores do que as mulheres. Os homens teriam aptidões mecânicas que faltam às mulheres. As mulheres têm características de acalento que faltam aos homens. Os homens tendem a uma disposição agressiva que estaria ausente nas mulheres.

Os informantes dizem que as qualidades diferentes da masculinidade e da feminilidade fazem com que homens e mulheres se encaixem em tipos diferentes de atividades e ocupações. As qualidades ativas e agressivas dos homens, sua força e resistência, serviriam para torná-los caçadores e soldados particularmente bons, e os predispõem para posições de autoridade, especialmente em relação a mulheres e crianças. As mulheres devem ser acalentadoras e passivas de modo que as tornam particularmente boas para ensinar em escolas, para a enferma-

gem, preparação de comida e cuidado do lar. As aptidões mecânicas dos homens serviriam para torná-los bons para trabalharem com máquinas – projetando-as, construindo-as e consertando-as – de modo que as mulheres não podem igualar.

Na cultura americana, o papel sexual ocorre num contexto que seleciona, modifica ou enfatiza ainda mais alguns de seus aspectos especiais. Homens são policiais, mecânicos, escriturários ou soldados. Mulheres podem ser enfermeiras, professoras escolares, cozinheiras ou camareiras. Os atributos do papel sexual têm valores diferentes em cada um desses casos. O policial não é apenas um homem, mas é um homem que se baseia em sua força e resistência num contexto de manutenção da lei e da ordem para evitar crimes. As mesmas qualidades da masculinidade num soldado nada têm a ver com a lei e a ordem, sendo definidas pela natureza da guerra. E o mecânico, utilizando as qualidades de sua masculinidade para cuidar de máquinas, encontra seu papel sexual descrito num contexto de maquinaria e aptidões mecânicas que pode ou não ter algo a ver com a lei e a ordem ou a guerra, mas que foca, em vez disso, na operação eficaz da maquinaria.

O mesmo vale para a família. Esposa, mãe, filha e irmã são mulheres; marido, pai, filho e irmão são homens. Muitas vezes se diz que esposas e mães são os membros da família apropriados para cozinhar, cuidar da casa e das crianças, e maridos e pais são os membros da família apropriados para sair para trabalhar, ganhar a vida, estar no comando da família e ter autoridade.

Mas, neste ponto, surge um dado muito fundamental e importante se tais enunciados são discutidos com bons informantes. Eles dizem – às vezes com estas palavras, às vezes no decorrer da discussão, mas sem utilizar exatamente estas palavras – que se as esposas e mães são os membros da família apropriados para cozinhar e cuidar da casa, isso *não* é porque elas são esposas e mães, mas porque *são mulheres*. E se maridos e pais são os membros da família que devem sair e ganhar a vida, que devem ter o controle da família, isso é porque eles *são homens*, e *não* porque são maridos e pais.

Os informantes às vezes usam frases como “o homem da casa” ao falar do marido-pai como a pessoa que tem autoridade; ou “a senhora da casa” quando falam da esposa-mãe como a pessoa que cuida das refeições e do conforto do lar. Frases como “o trabalho da mulher nunca termina” são usadas para descrever o trabalho que uma esposa e mãe realizam. Não porque o trabalho seja trabalho de esposa ou trabalho de mãe, mas porque é trabalho de mulher. Às vezes, os americanos falam de consertar o forno ou controlar as finanças da família como “um trabalho de homem”, não porque consertar o forno ou as finanças sejam atividades distintivamente paternas ou maritais, mas porque pais e maridos são homens.

Isso significa que há duas unidades culturais distintas que se confundem facilmente, mas devem ser mantidas separadas. A ação de uma pessoa como um homem é definida de modos diferentes da definição de sua ação como um pai ou

marido. A mesma pessoa pode ser uma mulher e uma esposa ao mesmo tempo; "trabalho" em "o trabalho da mulher nunca termina" é parte de sua definição como uma mulher, não como uma esposa.

Mas resta o fato de que, por definição cultural, "pai" é um homem e não pode ser mulher, "mãe" é uma mulher e não pode ser homem, "marido" é homem e "esposa" é mulher. Como, então, devemos compreender esse fato?

O que *define* as unidades culturais de marido e esposa ou pai e mãe? Demonstravelmente, não é seu sexo. Pois tanto os informantes quanto a observação direta confirmam que ser um homem é condição necessária, mas não suficiente, para ser um marido e pai. Apesar de todos os maridos e pais serem homens, nem todos os homens são maridos ou pais.

Do mesmo modo, o elemento definidor ou a característica distintiva das categorias culturais de esposa e mãe não é ser mulher. Há muitos tipos de mulheres que não são nem esposas nem mães, mas nenhuma esposa ou mãe não é mulher.

A distinção que estabeleço aqui entre um elemento definidor ou característica distintiva e todas as outras características é muito bem-ilustrada pela área da definição de papel sexual que venho descrevendo. Como eu disse, há duas categorias definidas culturalmente, macho e fêmea. Machos têm um tipo de genitália, fêmeas têm outro. Machos têm pelos faciais, fêmeas não. Machos são ativos e agressivos, fêmeas, passivas.

Tratemos agora dessas três características – genitais, pelos faciais e atividade. Qual delas é a característica distintiva? Do fato de a mulher barbada do circo ser contada como uma dama, segue-se que pelos faciais não são a característica distintiva. Do fato de uma mulher agressiva poder ser criticada por ser "masculina demais", mas ainda ser uma *mulher* agressiva, segue-se que a atividade não é a característica distintiva do papel sexual. Mas se uma pessoa veste roupas de mulher, não tem pelos faciais, é passiva, mas tem genitais masculinos, essa pessoa é classificada como homem. Os genitais, portanto, são a característica distintiva em termos da qual o papel sexual é definido.

As características distintivas que definem os membros da família e os diferenciam uns dos outros e que, ao mesmo tempo, definem a família como uma unidade e a distinguem de todas as outras unidades culturais são aquelas que estão contidas no símbolo relação sexual. O pai é o genitor, a mãe é a genetriz do filho que é seu descendente. Marido e esposa estão num relacionamento sexual e o seu relacionamento é o único relacionamento sexual legítimo e apropriado. Marido e esposa são amantes, e o filho é o produto de seu amor e também o objeto de seu amor; é nesse sentido que existem dois tipos de amor que definem os relacionamentos de família, um conjugal, o outro cognático, e é nesse sentido que o amor é um sinônimo de relação sexual.

Mas, num nível inteiramente diferente, alguns fatos etnográficos permanecem e constituem uma parte fundamental do sistema de parentesco americano. Esposa, mãe, irmã e filha são mulheres; marido, pai, irmão e filho são homens. A não ser que um deles seja um parente *step*, esposa, mãe, marido e pai são todos mais velhos que irmã, filha, irmão e filho. Além disso, as normas que definem o que é correto e apropriado para um pai de classe baixa são diferentes das que valem para um pai de classe média.

Muito além das características distintivas que definem a família e seus membros, cada membro *também* é uma pessoa, e, como pessoa, é construído a partir não de apenas um, mas muitos elementos diferentes, cada um vindo de muitas fontes diferentes.

Esposa e mãe são a mesma pessoa no parentesco americano, não importa que outras diferenças existam entre as duas, e marido e pai também são a mesma pessoa. Mas esposa e filha precisam ser pessoas diferentes, assim como marido e filho. Um homem pode ser ao mesmo tempo filho e irmão, uma mulher, filha e irmã. Mas a ideia que a esposa na família possa ser uma pessoa e a mãe outra é insustentável no parentesco americano.

Preciso interromper a descrição do parente como uma pessoa neste ponto. Esse conceito é uma parte fundamental do sistema de parentesco americano, mas a Parte I deste livro trata exclusivamente das características distintivas dos membros da família como parentes e da família como uma unidade. Aqui, é fundamental distinguir entre o pai como um pai e como um homem, a mãe como uma mãe e uma mulher etc. A Parte II está reservada para a descrição do parente como uma pessoa e da família como um grupo de pessoas. É nesse ponto que o fato do pai ser ao mesmo tempo um homem, talvez de classe média, possivelmente protestante, e assim por diante, torna-se relevante.

V

A figura da relação sexual contém os símbolos centrais do parentesco americano, e cada elemento dela está relacionado aos outros e ao todo. A imagem da família replica essa figura, mas agrega acréscimos consideráveis ao seu significado.

A relação sexual afirma e define os elementos do parentesco e as relações desses elementos entre si. A família também afirma os elementos e sua relação entre si, mas ela é ao mesmo tempo o paradigma de como as relações familiares ou de parentesco devem ser conduzidas, e para que fim. Mas a natureza dos elementos constituintes, sua definição, sua postulação como entidades naturais e culturais (ou seja, selecionadas pela razão humana e formadas pela lei do homem a partir dos fatos da natureza), e suas relações entre si afirmadas na figura da relação sexual são ao mesmo tempo símbolos no padrão para a conduta apropriada do parentesco como enunciado no paradigma da família.

Apesar do padrão que afirma como o parentesco deve ser conduzido se aplicar à família como um todo, ele também fundamenta todos os tipos de relações de família e todas as partes da família. Membros da família são distinguidos uns dos outros *dentro* da família. Eles não são distinguidos *da* família ou *contra* a família. Não importa quais outros significados marido, esposa, mãe, pai, filho, filha, irmão e irmã possam ter – eles compartilham o conjunto de significados definido para a família porque eles próprios são definidos como membros da família, e a família é definida como composta por eles. A família, portanto, representa como o parentesco deve ser conduzido e, porque eles são membros da família, representa ao mesmo tempo como o marido e esposa e seus filhos devem se conduzir.

Por exemplo, os americanos muitas vezes responsabilizam a família pelos problemas em que as crianças se envolvem, pela delinquência juvenil, a alta taxa de divórcios, a infidelidade conjugal, o alcoolismo, o vício em drogas e inúmeros outros eventos perturbadores. Às vezes também se diz, ainda que talvez com menor frequência, que a família é responsável por algum estado de coisas louvável, como a baixa taxa de delinquência juvenil de algum grupo étnico ou religioso.

A primeira vista, parece absurdo culpar ou creditar “a família”, porque a teoria que esses mesmos americanos sustentam é que a delinquência de uma criança se deve à negligência ou irresponsabilidade dos pais, e que se os pais fizessem seu trabalho apropriadamente, essas coisas não aconteceriam. São os pais, portanto, quem se deve culpar, e não “a família”. Da mesma forma, se o divórcio ocorre ou não ocorre quando deveria ocorrer, parece difícil entender por que “a família” como um todo deva ser considerada responsável quando, supostamente, são o marido e a esposa os responsáveis, e não os filhos.

Por que, então, “a família” deve ser considerada responsável? Em que sentido a palavra é usada nessa afirmação?

“A família” representa cada membro da família e todos os seus membros, representa como cada membro da família deve se comportar e como as relações de família devem ser conduzidas por quem quer que as conduza. Se “a família” estivesse certa, então a criança não seria delinquente, o casamento estaria estável, e assim por diante. Isso significa que se todos da família se comportassem de acordo com os padrões apropriados da vida familiar, tudo estaria bem.

A família como um símbolo é um padrão para como as relações de parentesco devem ser conduzidas; a oposição entre “lar” e “trabalho” define muito claramente esses significados e os enuncia em termos das características distintas a ambos e opostas às do outro.

Eu disse que uma família vive junto, e o lugar onde ela vive é o “lar”. A diferença entre uma casa (*house*) e um lar (*home*) é celebrada em canções, histórias e provérbios. Uma casa é onde uma família mora; o modo pelo qual ela mora lá

pode transformá-la num lar. “Sentir-se no lar”⁶ se opõe a todos os outros estados, que implicam um sentido de ser um estranho. Pode-se contratar uma empregada (*housekeeper*), uma pessoa que cuida das diferentes tarefas de manutenção da casa, mas uma dona de casa (*homemaker*) transforma uma casa num lar e nenhuma quantidade de dinheiro (assim se diz) pode comprar isso.

Um dos modos mais fundamentais – e dos mais específicos – que diferencia o parentesco de todos os outros tipos de relação é a separação física entre o trabalho e o lar. Essa separação é observada de forma mais vívida nos casos especiais quando, por algum motivo, o trabalho e o lar estão em proximidade física muito grande. Quando uma família possui uma loja com seus aposentos nos fundos, ou no andar de cima, ou quando um médico ou advogado tem salas de consulta em sua casa ou apartamento, a linha entre os dois é delineada muito claramente. Ela pode não ser nada mais que uma cortina ou porta, mas a fronteira é tratada com o maior respeito possível.

A segregação de domínios culturalmente distintos por localização física é explícita em frases como: “um lugar para cada coisa e cada coisa em seu lugar” e “há uma hora e um lugar para tudo”. Mais especificamente relevante aqui é o enunciado: “o lar de um homem é o seu castelo”, não apenas como uma afirmação da privacidade do lar, mas também como um sinal de que um domínio não deve ser invadido pelo outro. A separação física dos lugares marca a separação clara dos próprios domínios.

O trabalho, como o lar, é tanto um lugar quanto uma atividade. Com exceção disso, o trabalho e o lar são diferentes em todos os aspectos relevantes. Fazem-se coisas diferentes no lar e no trabalho, com objetivos diferentes e de modos diferentes por pessoas diferentes.

O trabalho é produtivo, seu resultado é algum tipo de produto. Não importa se esse produto é um objeto como um par de sapatos, um serviço como o acompanhamento jurídico ou entretenimento como o teatro. O trabalho tem um objetivo ou finalidade que é claro, explícito e unitário. Pode-se perguntar sobre qualquer local de trabalho: “O que se faz aqui?”, e a resposta dada será o objetivo dessa forma de trabalho. Talvez seja uma fábrica: “Eles fazem sapatos”. Talvez seja uma pessoa em particular na fábrica: “Ele costura solas”.

O lar não tem nenhum objetivo ou finalidade específica, explícita e unitária. O resultado do lar não é um produto único, uma forma específica de entretenimento ou um serviço especial.

6. É útil notar que, na cultura brasileira, a distinção entre “casa” e “lar” é menos forte do que na americana. Falar “sinto-me em casa” no Brasil tem basicamente o mesmo significado que “*I feel at home*” (“sinto-me no lar”) nos Estados Unidos. Ter isso em mente ajudará a compreender a discussão que se segue [N.T.].

O lar não é mantido por dinheiro, e fala-se sobre as coisas relacionadas ao lar e a família que existem algumas coisas que o dinheiro não compra! A fórmula em relação ao trabalho é invertida exatamente no lar: o que se faz se faz por amor, não por dinheiro! E, é claro, aquilo que o dinheiro não pode comprar é o amor.

Os americanos dizem que você pode escolher seus amigos, mas não seus parentes: você nasce com eles. Você também pode escolher a pessoa que faz um trabalho para você, e se ela não fizer um trabalho aceitável, você pode demiti-la e conseguir outra pessoa para fazê-lo. Ex-amigos e ex-trabalhadores fazem parte do elenco de personagens na vida americana.

Mas não existem ex-pais, ex-mães, ex-irmãos ou ex-irmãs, ex-filhos ou ex-filhas. E eles também não podem ser escolhidos para esse trabalho. Nascermos com eles. Podemos ter sorte boa ou não muito boa, mas não há devoluções ou trocas ou segundas chances quando se trata de parentes de sangue. Nós ficamos com o que temos.

Os padrões que se aplicam a um empregado são diferentes dos que se aplicam a parentes. Num emprego, a questão é se há competência técnica e os padrões de atuação são determinados pela natureza técnica do trabalho. Eles podem ser a produção medida pelo número de itens manufaturados ou por quanto material é convertido num tempo determinado. A própria natureza do trabalho enuncia o que deve ser feito; padrões são estabelecidos e a atuação pode então ser comparada a esses padrões. Mas tudo isso ocorre dentro do esquema de algum conjunto de considerações mecânicas e impessoais.

Com os parentes, o que vale é quem alguém é, e não como ele faz ou o que ele faz. Com empregados, no trabalho, o que vale é o que alguém faz e como ele o faz. Quem ele é, supostamente, não deveria importar. Com os parentes, no lar, com a família, o que importa é a questão de como a outra pessoa é relacionada. No emprego, durante o trabalho, não importa como a pessoa obteve o emprego, apenas como ela faz o trabalho.

Não quero dizer que uma mãe que não faz um bom trabalho de mãe está imune a críticas ou recriminações. Quero dizer que ela não pode perder seu cargo de mãe, não importa o quão mal ela o desempenhe. Ela pode perder a guarda do filho, mas ela ainda será sua mãe.

O marido e a esposa não são parentes de sangue. Mas eles também não são empregados. Não se demite um cônjuge, mas um casamento pode ser terminado pelo divórcio ou anulado sob certas condições. Uma ex-esposa ou um ex-marido pode ser um bom amigo e depois, talvez, até mesmo um ex-amigo.

Mas os padrões que se aplicam a empregados simplesmente não se aplicam a um cônjuge. Não há nenhuma descrição técnica do emprego para um marido ou uma esposa na qual um resultado de algum produto como fraldas limpas ou uma capacidade de salário determinada por semana possa ser estabelecida para um

cônjuge de uma certa idade, sexo ou padrão de qualidade. Certamente podemos comparar cônjuges, e isso é feito, em termos de se eles cozinham bem ou não, se são maridos prestativos, úteis em reparos domésticos, ou se são bons ganhadores. Um cônjuge pode ser bondoso; o outro, mesquinho. Uma esposa pode ser preguiçosa ou trabalhadora, mas mesmo que um cônjuge seja mal-avaliado em todas as medidas de competência ou produtividade que possam ser aplicadas, do número de camisas limpas por semana à quantidade de demonstrações de afeto carinhosas exibidas por mês, isso *por si só* não é uma base apropriada ou suficiente para terminar um casamento. Um empregado é demitido por uma atuação ruim de acordo com padrões técnicos. Não se divorcia de um cônjuge por atuações ruins medidas por padrões técnicos aplicados a um emprego. E também não se pode divorciar de um cônjuge ou anular um casamento pela não realização de um trabalho específico *enquanto um trabalho*.

O casamento é “na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, até que a morte nos separe”. Ele é para valer, para sempre, exatamente como nas histórias sobre o príncipe e a princesa, onde eles se casam e são felizes para sempre.

O casamento não é um emprego, e um cônjuge não pode ser demitido como um mecânico incompetente ou uma costureira ineficiente. O divórcio ou a anulação do casamento dependem do fato de que o *relacionamento* pode ser terminado, e isso depende do fato de ser um relacionamento na lei, mas não de substância.

A recreação está no meio do caminho entre o lar e o trabalho, e combina as principais características simbólicas de ambos. Como todo o resto na cultura americana, ela tem seu próprio lugar especial, pois tirar férias significa sair para um lugar que não é nem o trabalho nem o lar. Enquanto o trabalho é por dinheiro e o lar é por amor, a recreação é pela gratificação, para restaurar, para recriar. Durante as férias, fazemos o que gostamos de fazer. Se gostamos de pescar ou de caçar ou de ir para a praia ou simplesmente de ficar deitados sem fazer nada, então esse é o tipo de coisa para fazer durante as férias.

As férias são produtivas – no número de peixes pescados ou animais caçados, ou quadros pintados, ou livros lidos – não porque essas coisas são produtivas por dinheiro, mas porque são as coisas que a pessoa gosta de fazer.

Talvez a pessoa possa ir a um balneário ou a um lugar com hotéis e vida noturna para suas férias. Lá ela encontra todos os confortos do lar, mas nenhuma de suas restrições. O quarto é privado, a cama é privada, o banheiro é privado, mas as refeições podem ser tomadas numa sala de jantar de um certo tamanho. Certamente em sua própria mesa com sua família ou com quem quer que esteja compartilhando da recreação. Mas a pessoa em férias não prepara as refeições ou cuida dos afazeres domésticos. Ela paga por esses serviços, e algumas pessoas estão no negócio (como trabalho) de fornecer férias ou recreação para outras. O sucesso das férias não é medido pelo seu custo,

mas pela razão entre gratificação e custo. “Valeu a pena? Você se divertiu?” são as perguntas feitas.

O conjunto de características que distingue o lar do trabalho é uma expressão do paradigma geral de como as relações de parentesco devem ser conduzidas e com qual objetivo. Essas características formam um aglomerado interconectado intimamente.

O contraste entre amor e dinheiro na cultura americana resume esse aglomerado de características distintivas. O dinheiro é material, ele é poder, ele é impessoal e não é qualificado por considerações de sentimentos ou moralidade. As relações de trabalho, centradas no dinheiro, são de um tipo temporário e transitório. Elas são contingentes, e dependem completamente do objetivo específico – o dinheiro. O dinheiro dá poder à pessoa, ou seja, vantagens sobre outras pessoas. O fato de ele também se colocar entre as pessoas é o assunto de uma vasta literatura. O dinheiro mede se o resultado do trabalho, algum tipo de produto ou serviço, tem valor – e, se tiver, quanto é.

O amor não é material. Ele é altamente pessoal e está cercado de qualificações e considerações de sentimentos e moralidade. O amor junta coisas diferentes e as unifica. O resultado do amor não é um produto material à venda, e as relações de amor têm uma qualidade duradoura que é contrária à qualidade contingente do trabalho. De fato, seu objetivo ou valor está em suas qualidades duradouras, entre outras.

Mas a oposição entre dinheiro e amor não é simplesmente que o dinheiro é material e o amor não é. O dinheiro é material, mas o amor é *espiritual*. A qualidade espiritual do amor está intimamente ligada ao fato de que, no amor, as considerações cruciais são as pessoais. As considerações pessoais são uma questão de quem é, e não do quão bem se realiza uma tarefa ou quanta eficiência se tem. O amor é um relacionamento entre pessoas. A moralidade e os sentimentos, por sua vez, são a essência da qualidade espiritual do amor, pois elas transcendem considerações pequenas e mesquinhas de ganhos ou vantagens particulares ou mera gratificação. E, como o dinheiro é material, sua qualidade é a do momento. Ele é destrutível, e sua natureza transitória é fundamental. Mas o amor é espiritual, duradouro e indestrutível. E, portanto, as relações de dinheiro têm objetivos estreitos e específicos, e essas relações são não apenas transientes, mas também destrutivas de valores espirituais.

VI

Os símbolos do parentesco americano são muitos e variados, distribuídos por uma escala completa. Mas todos eles são essencialmente redundantes num de seus aspectos, enquanto outros aspectos variam com contextos e domínios diferentes.

Os símbolos do parentesco americano consistem na unidade da carne e do sangue, no fato de que o filho se parece com os pais ou puxa um avô, e na afirmação que o sangue é mais grosso do que a água – um significado disso é reiterado na frase: “uma casa não é um lar”. Os símbolos do parentesco americano afirmam que a união entre um marido e uma esposa é uma união espiritual além de ser uma união carnal, que ela é uma união pessoal, e que a partir dessa união se forma uma nova pessoa. A palavra para essa união espiritual é “amor”. O amor junta os opostos numa única unidade, enquanto mantém juntas coisas que estão se separando: o filho e seus pais, ou irmãos e irmãs crescendo, encontrando seus próprios pares e fundando suas próprias famílias. Os símbolos do parentesco americano consistem no amor maternal, fraternal, conjugal e paternal, como também sentimentos filiais de lealdade e respeito. O casamento é por amor, e para sempre, “na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, até que a morte nos separe”. Ele pode *ser* divertido, mas não é *para* diversão.

Mas então o que significam todos esses símbolos variados e diferentes? O que eles dizem para as pessoas fazerem? Como elas devem agir? Qual é o paradigma para conduzir relações de parentesco ou de família? Com que objetivo?

Certas ações específicas são ou necessárias ou explicitamente proibidas. A relação sexual deve ser de genital com genital, e de nenhum outro modo. Ela deve ser entre marido e esposa, e com nenhuma outra pessoa. De qualquer outro modo ou entre quaisquer outras pessoas, ela é errada e proibida. A família é um par conjugal que cria seus descendentes em seu próprio lar. Uma família sem um lar, um marido, uma esposa ou um filho não está completa. Ela está quebrada. Um filho ou filha compartilha, por definição, a substância biogenética de seus pais. Exceções a isso podem ser obtidas com bases legais, pela adoção, e certas ficções podem ser aceitáveis sob condições especiais. Mas, se houver qualquer possibilidade, um filho ou filha deve ser o descendente biológico de ambos os seus pais.

Mas a relação sexual também é, e também representa, o amor. As definições da cultura americana afirmam que o amor é espiritual e duradouro, e não tem objetivos materiais específicos estreitos. O amor é uma relação entre pessoas, não entre coisas. Ele significa unidade, não diferença. Ele significa quem você é, e não quão bem você atua. Ele significa confiança, fé, afeição, apoio, lealdade, ajuda quando for preciso, e o tipo de ajuda que for necessário. O amor significa que a pessoa nunca é desertada, traída ou abandonada. O amor é dado livremente e sem egoísmo, senão não é amor para a cultura americana.

A família, então, como um paradigma de como as relações de parentesco devem ser conduzidas e com que objetivo, especifica que as relações entre os membros da família são relações de amor. Podemos falar da família como “as pessoas amadas”. O amor pode ser traduzido livremente como *solidariedade di-*

fusa duradoura. O objetivo para o qual as relações de família são conduzidas é o bem-estar da família como um todo e de cada um de seus membros.

Mas certos atos específicos que fazem parte do aglomerado de símbolos que definem o parentesco e a família também têm o valor de signos para outros símbolos desse aglomerado definidor. A relação sexual entre marido e esposa não é apenas um ato que define especificamente o relacionamento conjugal. Ela também é um ato que é um signo de amor. O adultério é errado não apenas porque a relação sexual, por definição, é a característica distintiva do relacionamento conjugal, mas também porque é um signo de que o amor incorporado na relação sexual está direcionado a uma pessoa que não tem direito a ele. Assim, o ato do adultério é mais do que simplesmente algo errado. Ele é um ato que é tanto errado por si mesmo quanto ao mesmo tempo um sinal de que algo mais também está errado, de que o amor não está mais onde deveria estar. Pois o adultério é tratado como um ato de deslealdade e traição de uma forma que só pode ser compreendida se o ato for muito mais do que meramente um evento de relação sexual. Ele significa que o cônjuge não é amado; ele significa que o amor que deveria ser exclusivo do casal unido foi dado para alguém que não tem direito a ele; ele significa que a própria essência do relacionamento espiritual entre marido e esposa foi tratada como uma mera forma de gratificação, animal e não humana em seu significado. No adultério, o que está em jogo é o amor, e não só a relação sexual.

A solidariedade difusa duradoura, ou amor, em seu sentido mais geral na cultura americana, é fazer o que é bom ou certo para a outra pessoa, sem levar em conta seu efeito no agente. Na verdade, o efeito no agente é bom e benéfico em virtude do bem que ele faz. No que isso consiste para um ato específico não está dado no símbolo do amor ou da solidariedade difusa duradoura – isso está localizado em todos os outros símbolos definidores de contexto da cultura americana. A coisa certa a fazer para um homem de meia-idade pode ser errada para uma criança. O que é bom para uma mulher de classe alta pode ser ruim para uma mulher de classe inferior. O que é bondoso para um fazendeiro pode ser uma ofensa para um artista.

Uma das coisas mais importantes sobre o amor, ou solidariedade difusa duradoura, é o fato de que uma variedade muito ampla de tipos diferentes de atos específicos pode expressá-lo ou afirmá-lo. Num contexto, um beijo afirma o amor. Em outro contexto, pagar o aluguel faz isso; assim como manter o trabalho que gera o dinheiro para pagar o aluguel. Segurar uma mão pode expressar solidariedade difusa. Manter a casa limpa e arrumada pode ser um sinal de amor. Cozinhar pode demonstrar amor, assim como comer o que foi cozido. Um homem cuidar de um bebê pode expressar seu amor não apenas pelo bebê, mas também por sua esposa, a mãe do bebê. E a esposa cuidar do bebê pode expressar seu

amor não apenas pelo bebê, mas também por seu marido, o pai do bebê. Contar a verdade pode ser a essência da solidariedade difusa num contexto, e contar uma mentira pode ser sua expressão mais alta em outro.

Mas, da mesma forma, o sinal do amor no contexto errado ou do modo errado pode ser o sinal de que não há amor. Manter a casa tão limpa e arrumada a ponto de não se poder viver nela pode não expressar solidariedade nenhuma, apenas o fato de que a outra pessoa não pertence realmente a casa, que ela não é o seu lar. Trabalhar tão duro para ganhar o dinheiro para pagar o aluguel a ponto de não haver tempo para mais nada que não seja o trabalho pode ser o modo mais simples de dizer que não há amor. Isso dificilmente é um ato de solidariedade, difusa ou não.

Para resumir, então, a família no parentesco americano como um paradigma de como os membros da família devem se conduzir é essencialmente muito simples. Um sistema de um pequeno número de símbolos define e diferencia os membros da família. Esses mesmos símbolos também definem e diferenciam os tipos de relacionamento – ou seja, os códigos de conduta – que os membros da família devem ter entre si.

Os membros da família são definidos em termos da relação sexual como um ato reprodutivo, enfatizando o relacionamento sexual entre marido e esposa e a identidade biológica entre pai e filho, e entre irmãos. Há dois tipos opostos de relação aqui. Uma é entre opostos, marido e esposa. A partir de sua união, o filho é criado. O filho tem a mesma substância biogenética de seus pais; essa unidade de substância material mantém a unidade entre pai e filho e irmão quando a criança começa a se diferenciar ao nascimento, e também quando ela continua a se separar ao crescer, casar e fundar sua própria família. O contraste fundamental é entre a unificação de opostos – marido e esposa na relação sexual – e a manutenção da unidade daqueles que se diferenciam – filho dos pais e irmão de irmão.

O símbolo do amor faz a ponte entre os dois domínios culturalmente distintos. Primeiro, o domínio do parentesco como um relacionamento de substância; segundo, o domínio do parentesco como um código de conduta para o tipo de relacionamento interpessoal entre eles.

A relação sexual é amor e representa um signo de amor, e o amor representa a relação sexual e é um signo dela. Os dois tipos diferentes de amor – o conjugal e o cognático –, um erótico, o outro não; ainda assim são ambos símbolos de unidade, identidade, unicidade, junção, pertencimento. O amor simboliza a lealdade, a fé, o apoio, a ajuda, e assim por diante.

Então, independentemente de como os membros da família se diferenciam uns dos outros, seu relacionamento entre si deve ser idêntico. Ele deve ser de amor. Cada um deve agir para os outros com o amor como princípio orientador. Ou, como se diz mais precisamente, com amor no coração.

Enquanto um tipo de relacionamento, o amor pode ser traduzido como *solidariedade difusa duradoura*. *Solidariedade* porque o relacionamento é de apoio, de ajuda e cooperativo; ele se baseia na confiança e pode-se confiar no outro. *Difusa* porque ele não se confina estreitamente a um objetivo específico ou a um tipo de comportamento específico. Dois atletas podem cooperar e apoiar um ao outro enquanto o jogo durar e com o objetivo de ganhar o jogo, mas, fora dele, podem ser indiferentes um ao outro. Dois membros da família não podem ser indiferentes um ao outro, e como sua cooperação não tem um objetivo específico ou um tempo limitado específico em mente, ela é *duradoura*.

Os elementos biológicos na definição de parentesco têm a qualidade de símbolos. O fato de parentes de sangue compartilharem substância biogenética é um símbolo de unidade, de unicidade, e isso é simbolicamente permutável com o símbolo do amor. Os símbolos da unidade afirmados biologicamente são reafirmados de vários modos no parentesco americano; o filho sendo do corpo de sua mãe; criado conjuntamente pelos corpos da mãe e do pai; alimentado pelo seio da mãe; a noção do leite da bondade humana e a segurança e confiança sem reservas e sem limites que o seio representa; a criança puxar ou se parecer e agir como os pais e os pais dos pais – tudo isso são aplicações especiais do enunciado geral que a unidade biológica é o símbolo de todos os outros tipos de unidade, incluindo, fundamentalmente, a dos relacionamentos de solidariedade difusa duradoura.

O parentesco na cultura americana, então, é um relacionamento de solidariedade difusa duradoura. Mas isso não é o bastante para distingui-lo de todos os outros tipos de relacionamentos. Os amigos, nos Estados Unidos, podem ser leais, fiéis, prestativos, e tudo mais que um parente pode ser. Jocosamente, diz-se até que, sem dúvida, o melhor amigo de um menino é sua mãe, mas também se diz que o melhor amigo do homem é seu cachorro. Por mais incompatíveis que esses enunciados pareçam ser, eles ainda assim são da mesma ordem e vão diretamente ao ponto.

Na cultura americana, tanto a amizade quanto o parentesco são relacionamentos de solidariedade difusa. O que distingue amigos de parentes, como os informantes nos contam muito claramente, é que você nasce com seus parentes, mas pode escolher seus amigos. Se você pode escolhê-los, pela mesma medida você pode descartá-los quando quiser e sem nenhuma obrigação. É claro que a lealdade a um amigo é vital, e recusar um amigo quando ele tem uma necessidade urgente é imperdoável. Mas também é verdade que, como afirma um ditado, com amigos como esses, quem precisa de um inimigo?

O contraste entre amigos e inimigos é que, enquanto os amigos agem por amor, os inimigos agem por ódio. Enquanto os amigos têm nossos melhores interesses em mente, os outros selecionam cuidadosamente os piores interesses para amplificar.

Parentes são relacionados por sangue ou por casamento; amigos e inimigos são encontrados ou escolhidos ou se autosselecionam, mas eles certamente não são dados ao nascer, como ocorre com os parentes.

Nós não temos dificuldades para distinguir amigos de parentes. Nesse aspecto, amigos e inimigos são semelhantes por serem escolhidos. Nos termos de como eles devem agir, amigos e parentes são semelhantes porque ambos são guiados pelas normas da solidariedade difusa.

Aqui talvez esteja a chave da questão.

No contraste entre o lar e o trabalho, existe aquela área intersticial, aquele domínio peculiar que combina as melhores partes de cada um, mas não é nenhum chamado de férias, uma realização comercial que fornece um lar longe do lar. A amizade, como as férias, oferece as melhores partes de dois domínios diferentes e tem essa mesma qualidade intersticial.

Enquanto nascemos com nossos parentes, e nossa solidariedade difusa está com eles “por toda a vida”, podemos selecionar e escolher nossos amigos como quisermos e com certos propósitos claros em mente. É por isso que se diz, é claro, que, quando subimos a escada social, o caráter – quer dizer, o caráter social – de nossos amigos muda para refletir essa ascensão. Apesar de podermos escolher um cônjuge, pois certamente não nascemos com um, ainda assim existe uma diferença fundamental entre os dois. Um cônjuge, para o bem ou para o mal, é para longo prazo, e a qualidade da lealdade (ou do amor) é duradoura e sem qualificação de tempo ou lugar ou contexto. Escolher e descartar um cônjuge por propósitos puramente utilitários não é considerado apropriado, ainda que isso certamente aconteça.

Enquanto um empregado é julgado por padrões rigorosos de desempenho dentro de um domínio específico de ação relevante, isso não ocorre com um cônjuge, que é julgado por padrões de solidariedade difusa. Um cônjuge pode ser leal ou desleal, fiel ou infiel. Não há nenhuma medida de eficiência em sua fidelidade. Não há nenhuma medida de realização perita em sua lealdade. Esperamos o melhor, mas ficamos com o que temos.

Mas um amigo é descartado se ele não mantiver padrões desejáveis de lealdade, solidariedade ou fidelidade. Para um amigo, a *performance* é tudo, pois não há nada mais. Um bom amigo é aquele que executa as tarefas da lealdade com habilidade e coragem e presteza. Um bom amigo está lá quando precisamos, e não tropeça no serviço. E um bom amigo pode ser descartado por não alcançar os padrões apropriados de *performance* no papel da solidariedade difusa.

A amizade combina as vantagens da liberdade para avaliar a *performance* e encerrar o relacionamento com as exigências da solidariedade difusa, que não especificam exatamente o que um amigo deve fazer. Amigos são parentes que podem ser dispensados se necessário, e parentes são amigos que estão com você

para o que der e vier, quer você goste disso ou não, e sem importar se eles fazem o trabalho direito ou não. Você realmente pode contar com seus parentes.

É isso, obviamente, que permite entender a frase que o melhor amigo de um menino é sua mãe e que o melhor amigo do homem é seu cachorro. Uma mãe pode, e, às vezes, faz coisas para um filho que cumprem os maiores padrões de *performance* da amizade. A *performance* dela pode ser mais do que é meramente exigido pelo relacionamento duradouro de mãe e filho. E um cachorro, porque você pode exigir os maiores padrões de lealdade e solidariedade difusa dele, é um tipo de amigo; ele não é um contratado ou um funcionário pago, porque a solidariedade difusa ocorre num contexto onde você pode se livrar do cachorro se quiser. Aqui, é claro, o contraste com nossos filhos fica mais claro. Esperamos solidariedade difusa e lealdade de nossos próprios filhos. Mas se eles se tornarem maus, não podem ser levados para a sociedade protetora dos animais local para "dormirem". Eles são seus, e você fica com eles assim como eles ficam com você.

Parte II

O parente como uma pessoa